

DJALMA MARANHÃO

MEMÓRIAS DE 1964

ÍNDICE

1. UM OLHAR SOBRE A POLÍTICA BRASILEIRA:

INSTITUIÇÕES E HOMENS

O fantasma de inflação e a carta de Vargas; o positivo e o negativo em João Goulart; existem mesmos as forças ocultas?; Jango tenta conciliar o inconciliável; as raízes que Jango deixou; Brizola e a luta anti-imperialista; de Juscelino a Mauro Borges; no tempo de Arraes; Cony, “Correio da Manhã”, Hermano, Márcio, a “Última Hora”; Sobral Pinto, velho leão do liberalismo; o Supremo reagiu sozinho; os ideólogos da Frente Parlamentar Nacionalista; a posição dos intelectuais; a corrupção e os “esteios morais”; governo de velhos com velhas mentalidades; os inocentes úteis do imperialismo; faltou amadurecimento ao CGT; a UNE lidera a juventude; a questão dos sargentos; nacionalismo nas forças armadas e o esquema Assis Brasil; o exemplo de Floriano; generais do petróleo; a tradição do clube militar; o esquema do General Assis Brasil; a igreja de Cristo na mira da “revolução”; o oportunismo de certos governadores; um partido político para as esquerdas; um partido nacionalista; e o futuro?; a reta final.

2. ASPECTOS DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE NATAL

Secretariado de alto gabarito; realizar e não roubar; prestando contas ao povo

3. MANIFESTOS

Palavras ao povo (Correio da Manhã, novembro de 1964); Mensagem ao povo brasileiro (Montevidéu, julho 1965).

4. A POESIA É NECESSÁRIA

Evocação de Natal

1. UM OLHAR SOBRE A POLÍTICA BRASILEIRA:

INSTITUIÇÕES E HOMENS

O FANTASMA DE INFLAÇÃO E A CARTA DE VARGAS

Sem a Reforma agrária, solucionando o problema da produção, (...) enchendo a barriga do povo e sem executar o projeto regulamentando a remessa de lucros, caminho certo para estabilizar a nossa moeda, evitando que Cruzeiro fique cada vez mais desvalorizado e conseqüentemente desmoralizado, não é possível deter a inflação.

Não é preciso ser professor de Economia Política para chegar à conclusão que a reforma agrária e a lei disciplinando a remessa de lucros para o exterior, são os pontos fundamentais para enfrentar a espiral inflacionária, que é pior do que um câncer e corroe o organismo nacional.

Imaginam o que representa isto? Cutucar o cão com vara curta. Declarar guerra, simultaneamente, ao Latifúndio e ao Imperialismo. Uma luta corpo a corpo em duas frentes, com os mais temíveis adversários.

O governo Castelo Branco, forjando estatísticas, é um governo que não tem medo do ridículo. A orgia da alta dos preços, particularmente dos gêneros de primeira necessidade, está levando o país ao desespero. Estamos na antecâmaras de um colapso financeiro e o pânico começa a dominar os grupos empresariais, com a falência de várias indústrias.

A ilusão de que haverá um afluxo de capitais estrangeiros, leva o governo a uma posição super-entreguista, desnacionalizando em ritmo aterrador, o que resta da indústria nacional.

A subordinação à criminosa política do Fundo Monetário Internacional leva o governo Castelo Branco a deixar uma herança

catastrófica, um país faminto vítima de uma inflação galopante.

Getúlio Vargas deu um tiro no peito e deixou a sua Carta Testamento, que deve ser lida e discutida por todos os brasileiros, pois, agora, mais do que nunca, torna-se necessário a sua divulgação, análise e amplos debates, em torno das forças da corrupção internacional que aviltam, rebaixam, desonram, a soberania das nações economicamente fracas, como é o caso do Brasil.

O POSITIVO E O NEGATIVO EM JOÃO GOULART

A bandeira de Getúlio Vargas ficou nas mãos de João Goulart. Sua Carta Testamento, que já pertence à história, é o breviário dos nacionalistas brasileiros.

É irreversível o processo de emancipação econômica do Brasil. Deter a emancipação, não é tarefa nem para gigantes, quanto mais para os anões que fizeram a quartelada de Abril.

Alguns foram sacrificados, muitos desistirão, mas, a grande maioria continua marchando dentro das trevas, na certeza de que os cânticos dos galos, começam a anunciar o sol da madrugada.

A simplicidade dos versos de uma poetisa, cujo nome não recordo, reflete muito bem a situação.

*Nacionalismo é finca pé,
É como amor contrariado
Quanto mais se combate
E a família persegue...
Mais se ama, mais se quer.*

O surdo tropel das legiões nacionalistas, partidos de todos os rincões da pátria, hoje, amanhã, um pouco mais tarde, não importa o dia ou ano, dão ao Sr João Goulart uma tranqüila garantia de que ele será o grande árbitro das futuras decisões, influenciando no caminho que o povo brasileiro terá de percorrer, na reconquista da Democracia.

Um jogador de pôquer diria que João Goulart jogou com cartas marcadas. Teriam sido blefados os velhos marechais? E onde estariam os seus conselheiros políticos? Os “gênios” habitantes nos estados maiores, não teriam visto a armadilha preparada?

Jango poderia ter resistido e não resistiu. Porque? Dolorosa interrogação! Teria o Presidente deposto preferido deixar o “abacaxi”, a batata-quente nas mãos dos “revolucionários”?

A deposição de João Goulart seria uma repetição da renúncia de Jânio? O Pentágono, dentro da teoria de que a muleta do Estado Militarista é a propaganda, poderia responder esta pergunta. Incômoda pergunta, também, para os homens do Departamento de Estado.

EXISTEM MESMOS AS FORÇAS OCULTAS?

Poderíamos repetir da mesma maneira que o espanhol, que não acreditando na realidade das bruxas, afirmava, entretanto, que elas existiam.

As forças ocultas existem. Não simbolizam velhas rouquenas de vassoura na mão. Muitas vezes são belas mulheres, homens elegantes, diplomatas insinuantes, hábeis economistas, sólidos industriais, jornalistas versáteis, comerciantes de ventre avantajados, militares prontos a defender a civilização ocidental e cristã, ameaçada pelo comunismo.

Aonde se localizam as mãos, os olhos e o cérebro das forças ocultas?

O Departamento de Segurança Nacional, sabe, mas não pode divulgar. Um dia divulgará.

Jânio Quadros, pressentiu, numa noite de insônia, a pisada macia das Forças Ocultas. Abriu o olho vesgo e ao amanhecer arrumou as malas. Deixou uma mensagem ao Povo brasileiro, na mesma linguagem da Carta Testamento de Vargas. Coincidência? Sim, triste coincidência.

Infeliz país que três presidentes da República são vítimas das forças ocultas. Um suicidou-se, outro renunciou e o terceiro foi deposto.

E Jeca Tatu, apalermado, analfabeto e doente, ainda pergunta se as forças ocultas existem... Repete-se a história de Monteiro Lobato, o grande contador de estórias para as nossas crianças e bravíssimo pioneiro da luta pelo nosso petróleo. As Forças Ocultas também diziam que no subsolo brasileiro não existia petróleo. Monteiro Lobato tirou a máscara das Forças Ocultas e hoje o petróleo é uma realidade, apesar da Petrobrás estar na mira, como última etapa de entrega da economia brasileira aos capitais estrangeiros, transformando o Brasil numa “Banana Republics”.

Agora, não é o caso de tirar a máscara das Forças Ocultas, como fez Monteiro Lobato, no episódio do petróleo. Precisamos furar os olhos das forças ocultas, para que elas não cobicem com tanta senvergonhice as fabulosas riquezas do Brasil. As máscaras, estas sim, serão arrancadas das caras cínicas dos traidores brasileiros, agentes solertes das Forças Ocultas.

Em nenhum inquérito, em nenhum dos milhares de IPMs instalados pela “revolução”, no que se refere à corrupção, houve a menor indagação sobre os grupos econômicos estrangeiros e seus testas de ferro nacionais. Por que?

Por que o governo Castelo Branco trouxe o compromisso de alterar a Lei de Remessas de Lucros ? E já alterou. Comprar o ferro velho das concessionária de AMFORF. E a negociata já foi realizada. A entrega do

minério de ferro à HANNA. E já foi entregue. É o dedo do gigante, o dedão das Forças Ocultas. Castelo Branco quer aprovar um projeto de Reforma Agrária flor de laranja, mas, que não vai ser executado, não existe clima, com uma maciça, compacta, sólida maioria de reacionários empalmando o poder. Paradoxo? Não. Mistificação.

JANGO TENTA CONCILIAR O INCONCILIÁVEL

O termo, abertura para a esquerda, foi muito usado pelas forças populares italianas, ganhando mundo, chegando ao Brasil e aqui tornando-se moda, vestindo roupagens novas.

O governo do Sr. João Goulart era, tipicamente, um governo centrista, conservador, como todos os nossos governos, gravitando na área do dólar, de pires na mão, aguardando que os banqueiros norte-americanos, principalmente os do Fundo Monetário Internacional, autorizassem os nossos Ministros da Fazenda a sentar na poltrona e desfiar o rosário, solicitando prorrogação dos vencimentos dos títulos anteriores e a concessão de novos empréstimos.

Internamente tinha as suas fumaças nacionalistas, o apoio do movimento sindical, o jovem aplauso dos estudantes.

Era, entretanto, um governo marcado pelos militares, de formação norte-americana, que agem dentro da órbita do Pentágono.

Recebeu a herança de uma ponderável parcela da indústria nacional, que no anterior governo de Juscelino Kubstichek, atingiu a sua fase mais alta de desenvolvimento.

Tinha a oposição da maioria dos grandes cafeicultores, plantadores de cana de açúcar e cacau.

João Goulart, não poderia nunca pensar em instalar um regime

socialista no Brasil, porque se assim fizesse, estaria contra os seus próprios interesses.

Tentou a abertura para a esquerda, buscando um governo de centro-esquerda, levando para o Ministério, os altos postos, socialistas moderados como Almino Afonso, Paulo de Tarso, Darcy Ribeiro, Valdir Pires etc.

Começou, então, a fase de “conciliar o inconciliável”.

O Ministério da Fazenda e o Banco do Brasil, eram as chaves do problema. O termômetro por onde se orienta não somente a vida econômica, mas, também, a política do País. As esquerdas, com o setor radical dos nacionalistas à frente, desejavam a mudança de orientação do nosso tradicional esquema econômico – financeiro, comprometendo-se em fazer poderosas pressões de massa, a fim de levar o Congresso Nacional a votar as Reformas de Base.

Jango, no mais autêntico estilo getulista, manobrava, dando tempo ao tempo. Mas, a história, dificilmente se repete. E o funil foi se apertando.

Nas incertezas das greves e crises políticas, sofrendo uma intensa campanha de descrédito no estrangeiro, o presidente partiu para o restabelecimento dos seus poderes presidencialistas. Recebeu a consagração do povo brasileiro, através do plebiscito. Marchou resolutivo para as Reformas de Base, tônica de todos os seus pronunciamentos.

Brizola mandava brasa. Magalhães, Ademar e Lacerda, conspiravam.

Jango continuava tranqüilo, tentando conciliar o inconciliável.

Miguel Arraes trabalhava desesperadamente para modificar a estrutura ultrapassada, obsoleta, dos engenhos e das usinas pernambucanas, abrindo perspectivas para o trabalhador rural ganhar melhores salários e a agroindústria do açúcar maiores lucros. Enquanto isto, o general Justino Alves, comandante do IV Exército, armava cerco do Nordeste.

Impassível, Jango continuava tentando a conciliação. Carvalho Pinto deixa o ministério da fazenda. A reação se assanha.

Os Governadores do Nordeste, Virgílio Tavora, Aloísio Alves, Pedro Gonçalves Lomanto Júnior, Newton Belo, Portela, são mais realistas do que o rei e disputam com líderes sindicais o prestígio da intimidade presidencial.

E Jango acredita. Bajulação é uma coisa gostosa...

O CGT, Comando Geral dos Trabalhadores, é um formigueiro de tanta atividade. Começam a aflorar os Grupos dos Onze. Os latifundiários iniciam a compra de armas.

Jango ainda acredita na conciliação.

Mourão Filho, Castelo Branco, Cordeiro de Farias, Odílio Denys. Eurico Dutra, Costa e Silva, tecem a rede da conspiração, nas barbas do governo. O general Assis Brasil, Chefe da Casa Militar, tranqüilizava o Presidente. Não há nada no (...). Os marinheiros quebram a disciplina. Os sargentos superlotam o Automóvel Club para aplaudir o Presidente. As mulheres surgem nas marchas das famílias substituindo os homens da “revolução”. Chegamos ao comício da Central, o Ministro da Guerra, general Jair Ribeiro, interna-se em um hospital. É o começo do fim.

Jango, entretanto, ainda tenta conciliar o inconciliável, falando com os seus generais de confiança, Amauri Kruehl e Justino Alves, comandantes do II e IV Exército, até a véspera, peças do esquema militar do general Assis Brasil.

Inconciliável, como não podia deixar de acontecer, venceu.

AS RAÍZES QUE JANGO DEIXOU

João Goulart tem todas as possibilidades de renascer das cinzas do golpe de 1º de abril. Ele não deixou somente alimento para o espírito da imagem shakesperiana, lançou, também, sementes econômicas, para robustecer a matéria.

Estas raízes estão disseminadas pelo vasto *hinterland* do País, nos mais distantes municípios, ou melhor, em todos os municípios, nas células vivas da comunidade brasileira.

O juiz de direito, promotor, delegado de polícia, professora, faltando somente o vigário, para completar o esquema que orienta a vida das abandonadas populações interioranas. Jango, atingiu, em cheio, este esquema, montou uma máquina suprapartidária, absolutamente a margem da influência política da UDN, PSD, PTB, PSP etc. as siglas partidárias e as diferenças ideológicas, não influíram no dispositivo janguista.

Uma jogada tipicamente getuliana, altamente maquiavélica.

Entremos no mérito do assunto. Jango levantou a bandeira da Federalização da Justiça e das polícias militares. Havia autorizado o Ministério da Educação a examinar a suplementação dos vencimentos do professorado primário dos municípios, equiparando-os ao salário mínimo, pagando o governo federal a diferença.

Sabemos do drama da magistratura na esmagadora maioria dos estados, vivendo nos limites extremos da miséria. Um juiz e um promotor, que necessitam, pelo exercício do cargo que ocupam, manter uma certa dignidade, não podem, muitas vezes, nem sequer comprar sapatos para mandar os filhos à escola. A federalização da justiça é o objetivo, a idéia fixa da magistratura. Assim sendo, todos os elementos ligados à magistratura, aguardam, ansiosos, o retorno de Jango...

O oficial, o sargento, delegado ou comandante dos destacamentos municipais, os soldados, percebendo um soldo que os envergonha de informar quanto percebem mensalmente, (com exceção de duas ou três corporações) depositam na federalização da polícias, as suas derradeiras esperanças. E assim sendo, soldados e oficiais das polícias militares, dirigem suas preces pela volta de Jango, na expectativa de que poderão comer um pedaço de carne nas suas refeições, hoje proibitiva nos cardápios populares.

E as professoras municipais? Esta é uma dolorosa interrogação, que pode se transformar na trágica-tristeza de uma afirmação. Ganham um miséria uma gratificação, uma espécie de ajuda de custos. A esmagadora maioria dos municípios brasileiros, sem arrecadação própria, vivendo na dependência da chamada quota federal, não têm condições de pagar condignamente o seu professorado. O magistério primário, principalmente o leigo, pela descrença orgânica, atávica, ficou estarecido, sem acreditar. A suplementação lhe pareceu a miragem da caminhante perdida no deserto. A professora primária, na hora do meio dia fica vendo miragem, a suplementação, o salário mínimo, o pensamento voltado para o ex-presidente.

É um suporte muito forte: Juiz, Promotor, Delegado, Professora...

E nos grandes centros urbanos, a massa obreira, como dizem os castelhanos, colocando a cabeça de fora, não para ser degolada pelos gorilas, mas, na ânsia de obter a liberdade sindical.

E como handicap maior, a carta de Vargas, acenando, acenando...

Qual o vento mais forte que sopra nos horizontes da Pátria? O vento das Reformas de Base. As reformas de Jango.

O lado negativo das raízes de Jango, foram a falta de segurança para a classe empresarial e o aventureirismo que durante o seu governo,

desenvolveu-se em determinados setores das classes armadas, vícios de origens, dos quais dificilmente se desvencilhará o ex-presidente .

BRIZOLA E A LUTA ANTI-IMPERIALISTA

A revolucionária bandeira da luta anti-imperialista, está nas mãos de Leonel Brizola. Seguirá a fórmula de Nasser, ou os métodos de Fídel Castro? Não tem nenhuma semelhança com Peron, porque o Caudilho argentino se parece mais João Goulart. E que afinidades terá Brizola com os líderes das jovens nações africanas, Bem Bella, Nkrumah, Keniata, Nyerere, que emancipados os seus países do colonialismo e sobrevivendo ao tribalismo, crescem dia- a –dia, acobertados pela gigantesca sombra deixada por Patrice Lumunba?

A renúncia de Jânio e as demarches para a posse de João Goulart, abriram a Brizola a grande oportunidade de desfraldar a bandeira da legalidade. Bandeira a tremular das libérrimas campinas gaúchas, soprado pelo minuano, o vento da liberdade chegou aos campos gerais, às sofridas regiões nordestinas, ao litoral , ao sertão, às serras, vadeou rios, transpôs matas, alegrou lares, tranqüilizou as classes conservadoras, acalmou os sindicatos, entusiasmou estudantes, pacificou a Nação à beira da guerra civil.

Ganhou, então, o direito de ser chamados de Comandante.

E a voz de comando passou a ser ouvida do Rio Grande do Sul - poderosa voz que havia congregado o povo, em frente ao Palácio Piratini - que dialogou com o General Machado Lopes que se colocou à testa do bravo III Exército, cujo núcleo libertador estava em Santa Maria com o general Osório e na vanguarda aquele heróico major Joaquim Inácio, filho e herdeiro das tradições patrióticas de Felicíssimo Cardoso. Ressurge a

epopéia dos Farrapos e a vocação libertaria dos gaúchos, consolidada na ponta das lanças e encontra em Brizola, o líder há muito tempo ansiosamente procurado.

No tabuleiro de xadrez da política brasileira, Brizola teve o mérito de compreender, que após o 25 de agosto, não era possível a conciliação. E partiu para a luta.

A candidatura de Leonel Brizola a deputado federal, pela Guanabara, constituiu-se na clarinada das forças nacionalistas, transformando-as em veículo de uma pregação de âmbito nacional.

Antes de assumir o governo do Rio Grande do Sul, Brizola havia, por breve período, exercido o mandato de deputado federal. Notabilizou-se pelo episódio de fazer silenciar, de revolver em punho, a malcriação de Carlos Lacerda, em um dos habituais ataques do líder direitista à memória de Vargas.

Equacionou os mais sérios e explosivos problemas nacionais. Estabeleceu e cumpriu um corajoso itinerário, abrindo um imenso debate, sulcando profundamente a opinião pública, ao microfone da rádio Mairynk Veiga, ou nos comícios, nas praças públicas. Acusando e sendo acusado, atacando e se defendendo, sempre de pé, sem recuar um passo. Atingiu o objetivo, que era interessar o povo, despertar as elites, criar o diálogo, estarrecer a nação com as suas denúncias, para, finalmente, obrigar o imperialismo a tirar a máscara, através da controvérsia com Lincoln Gordon, embaixador dos Estados Unidos, que Brizola classificou como um autêntico “Inspetor de Colônias”.

Elegeu-se pela Guanabara, com a maior votação já obtida por um deputado federal, em toda a história política do Brasil.

Causticou a política dos minérios, notadamente o ferro e o manganês, investindo contra Hanna, Benthelehem Steel e outros trustes, opôs tenaz

resistência à tentativa de internacionalização da Hileia Amazônica; combateu a desnacionalização da nossa indústria farmacêutica e a compra do ferro velho da AMFORP; concentrou em si, o ódio do Fundo Monetário Internacional; abriu fogo cerrado contra os poderosos grupos que esquematizaram a alienação da economia brasileira; defendeu a Petrobrás.

Muitos dos que ontem combatiam encarniçadamente Leonel Brizola, hoje em busca da opinião pública, tentam imitá-lo, como por exemplo, os “papa-ventos” da LÍDER... É ridículo, ver, Dona Sandra Cavalcanti, na televisão, usando a dialética brizolista, mas, sem a autenticidade do gaúcho...

Neocolonialismo e imperialismo confundem-se de tal maneira que não é fácil identificar o dedo do gigante, cada qual maior, no processo de espoliação das nações economicamente fracas. O povo não entende estas filigranas, debates acadêmicos, fórmulas mágicas, sistemas interpretativos.

O povo, entretanto, entendeu a linguagem de Brizola, trocando em miúdos, explicando o que era inflação. Exemplo: você dorme com uma nota de cem cruzeiros, debaixo do travesseiro. No dia seguinte, acorda e a nota está valendo somente noventa e nove cruzeiros.

Todo mundo fala na lei de Remessa de Lucros para o exterior. Brizola criou aquela imagem da “bomba de sucção”, drenando, sugando, as riquezas do Brasil (...)

Luta anti-imperialista, é a história de João da Silva, que amanheceu o dia lavando os dentes com dentifrício estrangeiro e durante 12 horas, até o instante de dormir, consumiu produtos pertencentes aos trustes, até que apagou a luz, que também era Light... Assim é o Brasil, o organismo nacional, sugado permanentemente pelos morcegos dos monopólios internacionais, que levam para o estrangeiro, os fabulosos lucros de suas empresas, deixando a nossa pátria na miséria.

Brizola rompeu a névoa de espuma, a cortina de fumaça., a nebulosidade dos teóricos cartesianos, aonde se acobertavam os agentes do imperialismo.

Satirizou a burrice dos reacionários, com o seu tempestuoso espírito polêmico, desnudando falsos heróis, destruindo ídolos de pés de barro.

Estabeleceu os pontos cardeais do roteiro revolucionário. Abriu uma grande brecha na Bastilha imperialista. Desafiou o “tigre de papel”.

Morto na luta, Brizola será o Patrice Lumumba da América Latina. Vivo, é o porta-estandarte da revolução verde-amarela do Brasil. Difícil dilema, para o imperialismo escolher...

Não podemos, entretanto, desprezar o povo, quando fazemos a apologia do líder. A espetacular vitória de Brizola, na Guanabara, enquanto , na mesma oportunidade, o seu candidato ao governo do Rio Grande do Sul, era derrotado por uma coligação direitista, deve-se ao nível político do povo carioca, o mais elevado do Brasil. A fé nas lideranças, nas individualidades, precisa ser compensada pela tese da elevação da consciência do povo, pela organização de massas, para que não se caia no aventureirismo.

DE JUSCELINO A MAURO BORGES

Juscelino foi o gênio que construiu Brasília, mas, é o pai da inflação brasileira. O realizador de Furnas e Três Marias, aumentando o potencial hidrelétrico de uma nação, que anseia para ser uma das maiores potências do mundo, mas teve a responsabilidade de comprar este “elefante branco” que se chama porta-aviões Minas Gerais.

JK foi o estadista que teve a visão do futuro, mas, que não teve o cuidado de cercar-se de uma boa equipe, preferindo os penidos, que eram

pequenos demais. Abriu os horizontes para o nosso desenvolvimento, mas, deixou que a indústria verde-amarela fosse alienada. Rasgou no coração das selvas, a estrada Belém-Brasília, insurgindo-se contra a ultrapassada “civilização de caranguejos, arranhando as praias”, mas não se preocupou que os velhos caciques da política instalassem no DNOCS e no DNER, a indústria das secas, da malversação das verbas federais.

Juscelino é o otimismo, o riso franco, a malícia mineira, o peixe vivo, o pé de valsa, cruzando céus nas asas de um avião, que de cinco anos de governo, nos deu a real visão de cinquenta anos, nos acertos e desacertos. Coração de brasileiro, perdoou os baderneiros de Aragaças e Jacareacanga, que não vacilaram um minuto em perseguí-lo impiedosamente.

JK criou graves contradições que encontraram seu paradigma no abismo que se cavou entre o setor industrial e o setor agrário, segundo Franklim de Oliveira e embora o surto de progresso industrial tivesse sido sem precedentes, nunca a economia brasileira atingiu a tamanha orgia imperialista, na opinião de Caio Prado Júnior.

Assinou, a revelia do Congresso, os nefastos acordos de Fernando de Noronha e Roboré, mas, em compensação, lançou a Operação Pan-americana.

Criou a SUDENE, a GEIA, a GLICON, visando o desenvolvimento do Nordeste, da indústria automobilística e da indústria naval.

A cassação do seu mandato de senador e dos direitos políticos foi um golpe-baixo, autêntica rabulice udenista, rapinagem eleitoral da pior espécie, amedrontados com a sua candidatura à presidência da república.

O seu mais imperdoável erro foi decidir a eleição de Castelo Branco, que ele, anteriormente, havia promovido a general. Na presidência da República, o grande ingrato, sem a menor dor de consciência, cassou o

mandato e exilou o seu benfeitor. Hoje, JK deve sentir a amargura de haver levado os amarais, felintos, e vitorinos pessedistas a votar em Castelo Branco, quando já se encontrava praticamente assegurada a vitória de outro general, Amauri Kruel, apoiado pelo PTB.

São as contradições, danças e contradanças da política, que ainda continua sendo, dentro daquele antigo aforismo, a “arte de engolir sapo...”

A moral pessedista, é a mais elástica de todas. Uma repetição surrada, muito esfarrapada e distorcida do conceito do Bem e do Mal, e que não existe nenhum mal que não traga um bem, capaz de fazer Platão estremecer no seu sono eterno.

A vocação do PSD, é a de mulher de Apache. Mas, a sua voracidade pelo poder, é a de cortesã francesa...

No velho estilo da política brasileira, ninguém manobra melhor do que o Partido Social Democrático. Nas horas de perigo, recua e fica cochilando como um crocodilo, capaz até de derramar lágrimas. Quando vislumbra a possibilidade de subir as escadarias de um palácio, ninguém o supera, nem mesmo as famosas raposas udenistas, que apreenderam todos os saltos, na cartilha marota de Otávio Mangabeira, udenista com alma de pessedista.

Foi assim, no episódio de Goiás.

Mauro Borges, um jovem líder que se projetava no cenário nacional, emergindo do Planalto Central, realizando uma administração progressista, equacionando, corajosamente, os seculares problemas do povo goiano.

Era um novo meteoro que surgia. Poderia ter sido o denominador comum entre Brizola e Arraes, na liderança da revolução brasileira.

Teve receio de voar na altitude das águias, ficou no rasteiro bater de asa dos nambus. Recolheu-se e engolfou-se no provincianismo caduco, alimentando a fogueira da odiosa disputa, entre as oligarquias dos

Ludovicos e dos Caiados.

O presidente Goulart, também tem a sua parcela de responsabilidade, uma parte da culpa, quando negou a Mauro Borges, os recursos econômicos que o estado urgentemente necessitava, lançando, definitivamente, o ingênuo governador, nos braços dos conspiradores golpistas, Magalhães Pinto e Perachi Barcelos...

O resto é a grande farsa. Na posse de Castelo Branco, eufórico, Mauro Borges batia palmas, sob o olhar inquisitorial da Linha Dura. Depois, a luta humilhante, emocional e desesperada para sobreviver, caindo sozinho, traído pela cúpula pessedista, que continuou manobrando, manobrando...

NO TEMPO DE ARRAES

O caboclo Miguel Arraes virou mito. Os camponeses o chamam carinhosamente de Pai Arraia. É o homem mais sério do atual cenário da política brasileira.

Mais cedo, ou mais tarde, chegará à Presidência da República. Não é prognóstico, uma antevisão de acontecimentos futuros. É a lógica dos fatos, o caminho natural, levado pelos setores básicos da sacrificada e claudicante economia nacional.

Miguel Arraes, não fiquem estarecidos, é o líder capaz de concretizar as aspirações do nosso potencial econômico, da burguesia, do capitalismo nacional asfixiado pelo imperialismo.

O próprio presidente Castelo Branco, em pronunciamento dirigido a parlamentares nordestinos, admitiu que a solução para o problema da indústria açucareira, é aquela preconizada pelo senhor Miguel Arraes. E não é mistério, nenhum segredo, que a agroindústria do açúcar,

principalmente no Nordeste está indo a falência. O açúcar é produto gravoso no mercado internacional. O homem indicado para salvar os usineiros, atolados no massapé, por mais incrível que seja, é o reformista Miguel Arraes, preconizador de uma reformulação na estrutura sócio-econômica, a chamada realidade social.

Em Pernambuco, no governo de Arraes, não era a polícia que resolvia as pendências trabalhistas entre camponeses e senhores de engenho, descendo o espadagão-rabo-de-galo no lombo do trabalhador. Era a Assessoria Sindical, argumentando junto a patrões e empregados, com a tabela das tarefas do Campo.

Arraes é um desafio permanente aos agentes dos interesses anti-nacionais, imbatível, crestado pelo sol africano de Fernando de Noronha, martirizado pelos anões a serviço do imperialismo, crescendo no coração do povo, esperança das multidões sacrificadas pela inflação.¹

O caboclo Miguel Arraes está para o Brasil, na mesma dimensão de grandeza, como o índio Juarez esteve para o México e o nativo Sukarno para a Indonésia: restituir o patrimônio e as riquezas nacionais ao povo, abrindo o caminho brasileiro para a socialização progressiva dos meios de produção.

O Movimento de Cultura Popular (hoje tristemente transformado em Fundação Kennedy, para vergonha dos altivos pernambucanos, que tiveram nas batalhas dos montes Guararapes, o feito maior das lutas nativistas para expulsar do território brasileiro, na época do Brasil Colônia, o invasor estrangeiro), foi o magnífico instrumento de democratização da cultura, na administração Miguel Arraes, na Prefeitura do Recife e no Governo do Estado.

¹O autor esteve preso em Fernando de Noronha, na mesma época de Arraes, mas somente o viu uma vez, assim mesmo de longe.

Antônio Callado, no seu livro, “Tempo de Arraes – padres e comunistas na revolução sem violência”- afirma que o governo de Miguel Arraes, em Pernambuco, era o mais democrático da Federação, porque correu todos os riscos inerentes à democracia.

O capital estrangeiro é necessário ao Brasil, ou são o Brasil e as nações subdesenvolvidas necessárias ao capital estrangeiro? Esta polêmica pergunta continua de pé, principalmente no que se refere às empresas estatais. A siderurgia nacional, pouco a pouco, paralisa seus fornos, é dramática a situação de Volta Redonda e da Fábrica Nacional de Motores. As indústrias têxteis e eletrodoméstica de São Paulo desempregam milhares de operários, face à impiedosa restrição do crédito industrial, porque do comercial e do agrícola, nem é bom falar. A desigualdade de tratamento entre as firmas nacionais e as empresas internacionais, é gritante, acintosa, acelerando a descapitalização das organizações brasileiras e o que é mais grave, gravíssimo, contribui para aumentar impiedosamente a taxa de inflação e conseqüentemente a fome do povo. É a lógica de quem deseja raciocinar. E a solução? A solução é Arraes.

O caboclo nordestino surge como saída para a burguesia nacional. Quem estiver contra as teses de Roberto Campos, Gouveia de Bulhões, da Consultec, todas sopradas por Lincoln Gordon e executadas pelos inocentes úteis do imperialismo, irão, direta ou indiretamente, desaguar na caudal nacionalista, com Miguel Arraes na crista dos acontecimentos, falando do alto, dos píncaros escarpados da Serra da Borborema.

Miguel Arraes não é homem para acomodações, para cambalear. Tem a marca rude daqueles que nasceram no sertão e não é somente uma forte definição euclidiana, é antes de tudo, um homem que viu com os próprios olhos e sentiu na própria carne, o drama do camponês, sem terra, faminto, esmolambado, vítima de uma ultrapassada, anacrônica, medieval,

sociedade agrária.

Arraes é o renascentismo brasileiro. O humanismo com novas roupas. O dialético abrindo o grande diálogo da emancipação. O forte traço de união entre as amplas camadas nacionais e a nascente burguesia nacional. Aceitando a colaboração dos padres e dos comunistas. Um homem sem preconceito. Um líder em torno do qual se poderá estruturar a união das forças que realmente tenham raízes nacionais. Fez, em Pernambuco, a experiência que será a realidade do Brasil de amanhã.

Arraes é o denominador comum para a coexistência das tumultuadas, atropelantes, impacientes, (...) forças do desenvolvimento brasileiro.

A roda da história continua girando, mas, não é possível prosseguir impulsionada pela arcaico sistema das manivelas. Vivemos a época da força motriz. Arraes é o dínamo. Vamos impulsionar este poderoso motor.

O Brasil não pode parar, mas, está parando, acorrentado pelas instruções da Sumoc, no campo econômico; amordaçado pelo terror dos IPMs; no setor político servilmente cabisbaixo, na área diplomática; claudicante, envelhecido, tropeçante ressentindo-se de rejuvenescimento, físico e de idéias no leme da administração, no poder Executivo, porque o Legislativo e o Judiciário, estão sob meia intervenção.

O jeito que tem, é esperar a volta do tempo de Arraes. Não somente em Pernambuco, mas, agora, em todo o Brasil.

Vamos aguardar a passagem da Procissão do Terceiro Mundo. Vai soar a hora do Brasil na liderança da América Latina. Estão contados os dias do falso neoliberalismo. Não seremos mais um povo marginalizado na história. Uma nação de gigantes dirigidas por anões.

Na rebelde cidade do Recife, no dia de sua posse, Arraes disse que somente tinha para oferecer ao povo, duas mãos e o sentimento do mundo.

Mensagem, que atualmente está no coração da esmagadora maioria

do povo brasileiro.

**CONY, “CORREIO DA MANHÃ”, HERMANO, MÁRCIO, A
“ÚLTIMA HORA”**

Resistir na hora do desastre geral. Não abandonar a casa, no instante em que se alastra o incêndio. Evitar o contágio psicológico do pânico. Ser o cronômetro de sua própria vontade. Deixar de lado a tranqüilidade pessoal e olhar o bem coletivo. Suplantar o medo, dentro de si mesmo e não permitir que os nervos tenham domínio sobre o cérebro e o coração.

Era como se a besta do Apocalipse tivesse talado as terras do Brasil. Desapareceu, como por encanto, voando nas asas do ódio, ou num passe de bruxaria aquele espírito cristão, altamente humano, que sempre norteou a vida política brasileira.

Implantou-se o terror, impiedosamente supliciarão presos indefesos dentro dos quartéis, santuários aonde se deve aprender a amar a pátria e respeitar os vencidos, lei sagrada, ensinada nas cartilhas de todos os exércitos. Os galões de muitos oficiais ficarão eternamente tintos com sangue de inocentes patriotas, cujo único crime é seguir o exemplo de Tiradentes, continuar lutando pela emancipação econômica do Brasil, da tutela estrangeira.

Mulheres–hienas, hipocritamente de rosário na mão, como se estivessem em um circo romano, pedindo o sacrifício do que existe de melhor na juventude brasileira, contrariando as fraternais mensagens de João XXIII, Paulo VI e Helder Câmara e da grande maioria do Episcopado brasileiro.

É o drama pungente de um povo duplamente faminto, de alimento e de liberdade.

O “Correio da Manhã” salvou a dignidade do Brasil, dignificou a democracia, restaurou as esperanças perdidas, iniciando a mais bela e heróica batalha, do povo desarmado, contra o estado militarista.

Carlos Heitor Cony surgiu como figura de romance moderno que lutando contra os tanques, espadachim defrontando-se contra a horda de hunos, humildemente entrando para a história, deixando do lado de fora uma arrogante legião de anões, fantasiados de salvadores da Pátria, pátria minha, como diria Vinícius de Moraes. Cony, um grego redivivo nas areias de Copacabana, para defender a democracia e matar de vergonha Eduardo Gomes, herói ultrapassado no tempo e no espaço.

O grande jornal que se insurgiu contra a ditadura, rompendo as comportas do Estado Novo, publicando o Manifesto dos Mineiros (hoje acorados em torno de Magalhães Pinto), divulgando, dando eco ao “grito” de José Américo (atualmente murchando sob a sombra da “revolução” na praia de Tambaú), cresce, agigantando-se, ocupando o imenso vazio, a cratera aberta pelo Golpe de Abril na opinião pública nacional. Digno da linhagem de Edmundo e Paulo Bittencourt foi a lúcida, corajosa e patriótica atitude de Niomar Moniz Bittencourt, apoiada por M. Paulo Filho e Osvaldo Peralva.

- Jornalista, ocupa o teu posto!

E antes que a ressonância da voz se perdesse na redação, Hermano Alves e Márcio Moreira Alves estavam sentados em suas mesas, matraqueando as velhas máquinas de datilografia. Quem haveria de dizer que o ponderado Hermano se transformasse em tão poderoso gladiador? E Marcito, que em menino ainda, cobriu para o seu jornal, o célebre tiroteio na Assembléia de Alagoas, ele entra na história sem medo, com uma coragem que está fazendo escola. E os outros, serenamente, vieram chegando; Edmundo, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Bittencourt, Antônio

Callado, Newton Rodrigues, João Paraguassú, Al Right, Guima, J.J. & J e os anônimos editorialistas.

A sanha vandálica atingiu a “Última Hora”. Ferida, sangrando, amputada de seus melhores colaboradores, voltou, entretanto, para combater o bom combate. O velho José Bispo reveza-se com Miguel Neiva em hilários e, ao mesmo tempo, causticantes comentários, dissecando os “democratas” da abrilada. Flávio Tavares, (...) Tereza Alvim, Stanislau Ponte Preta, Paulo Silveira não abandonam o (...).

Dentro do pantanal, suplantando o coaxar das rãs, surgem vibrantes protestos, estridentes clarinadas. Mário Martins, na pureza do seu idealismo, (...) Silveira, na sinceridade sentimental de sua solidariedade.

Secas e roucas gargantas, em outras regiões, ainda sufocadas, também começam a protestar.

SOBRAL PINTO, VELHO LEÃO DO LIBERALISMO

O último dos grandes liberais. Defensor público da Liberdade, oráculo jurídico de uma geração. O fórum é o seu campo de batalha. A palavra, a sua arma. Um advogado com dimensão internacional. Orgulho de um País. Teimosia, honestidade, coerência de atitudes, desvairada paixão pelas causas que patrocina. Desprendimento econômico, altivez, coragem, muita coragem, invejável coragem.

Muitas vezes divergimos de Sobral Pinto, mas, nunca poderemos perder o respeito pelas suas atitudes.

Precisamos compreender que ele é um Liberal , no estilo clássico, um intransigente defensor da Declaração dos Direitos do Homem, um paladino da Justiça, um advogado por vocação, que se reencontra na perenidade dos debates, adquirindo novas energias, um raro e bravíssimo

lutador.

Com estrutura jurídica de Rui Barbosa, mas, sem as deformações políticas e a volúpia pelos bens materiais do genial baiano.

Sobral Pinto lembra a imagem do jequetibá, sobressaindo-se e emoldurando a grandiosidade do ambiente, pela solidez de suas convicções, imutabilidade de suas próprias diretrizes.

Agigantou-se no cenário nacional, quando, faz quase trinta anos, a noite negra da ditadura amortilhava a democracia brasileira. Então, Felinto Muller era o catedrático da reação (abjeta figura que, não se sabe porque, escapou ao julgamento dos Monstros de Nuremberg) e Borer engatinhava no aprendizado das torturas em Luis Carlos Prestes e Harry Berger, dirigentes comunistas presos, que sofreram o mais desumano e aviltante tratamento.

Levanta-se, estão, a voz de Sobral Pinto, perante uma Nação aterrorizada, ameaçada pelos campos de concentração. Solicitava para Prestes e Berger, pelo menos, o tratamento da Lei de Proteção aos Animais. E cresceu na luta, defendendo seus constituintes.

Quando o jovem Carlos Lacerda ainda não havia se acomodado sob o manto protetor do imperialismo e era um feroso tribuno esquerdista, marcado pelos ídolos vermelhos de sua formação – como Lacerda lembra Mussolini – foi preso, o leão que existe adormecido na pele de Sobral Pinto rugiu.

Cenas idênticas repartiram-se, no decorrer da agitada vida política do Brasil. Fizeram época, as suas cartas de protestos, os seus eloqüentes telegramas, pronunciamentos, rurgas, atritos, discursos e conferências.

Ameaçada a pose de Jucelino Kubstichek à presidência da República, coube a Sobral Pinto fundar a Liga de Defesa da Legalidade, quebrando arestas e dando conteúdo moral e jurídico para que o suporte militar do

general Teixeira Lott funcionasse.

Interpretando o radicalismo dos grupos de direita, o jornalista Hélio Fernandes, caustica em ferro e brasa o governo João Goulart. Revela segredo militares, recusando-se, em nome da liberdade de imprensa, a indicar as origens de sua fontes. Preso, tem contra ele o Ministro da Guerra, Jair Dantas Ribeiro. Ainda bem não havia transposto o portão do quartel, Sobral Pinto entrava com uma ordem de habeas-corpus, no Supremo Tribunal Federal, libertando-o.

Vitoriosa a “revolução”, a burrice provocadora da neo-gestapo brasileira arma o Processo dos Chineses. Nove patrícios de Mao Tse Tung, sete homem de negócio e dois jornalistas, vieram ao Brasil, em 1964, em missão comercial, convidados pelo então presidente Jânio Quadros, com passaportes devidamente legalizados. Escândalo terrível, denunciados de que teriam vindo para matar com injeções venenosas (não seriam de ópio?), entre outros, o velho Dutra e o maduro Lacerda. A Nação fica estarecida. E se não fosse Sobral Pinto, desmascarando a farsa à luz da verdade, dificilmente ultrapassaria a cortina da mentira.

Sobral Pinto é um típico liberal – democrata, anti-comunista e anti-facista. Combateu Hitler e Stalin. Ele se identifica bem com a célebre frase de Voltaire: “Não concordo com uma única palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-la”.

Um velho e feroz leão do liberalismo.

O SUPREMO REAGIU SOZINHO

Ainda há Juiz em Berlim! Velha, repetida e sempre atualizada frase, que atravessando épocas, ressurge, todas as vezes em que a majestade da Justiça se encontra ameaçada e as garantias públicas, vilipendiadas pelo

tiranos e aprendizes de ditadores.

O Supremo Tribunal Federal, nos regimes democráticos, é a viga mestra, a última instância, o poder desarmado, mas que se alicerça no poderio inviolável da Lei.

Os corujões, habituados às trevas, que empalmaram o poder, no Brasil, tudo fizeram para dobrar e conseqüentemente desmoralizar o Supremo Tribunal Federal. Tranqüilo, sem exaltação, consciente da missão histórica que estava vivendo, o Supremo manteve-se inflexível, julgando dentro dos códigos, indiferente à tempestade que do norte a sul desabava. Era a luz bruxuleante norteando e salvando os últimos vestígios da democracia.

O Brasil inteiro acompanhou estes lances dramáticos. Nas mais longínquas comarcas, velhos e novos Juizes, apalpavam as suas togas a nos Tribunais Estaduais, desembargadores que deram uma existência a serviço da Justiça, emocionados e confiantes, seguiam as decisões dos mestres do Supremo.

Habeas-corpus – o sagrado direito do cidadão ir e vir livremente – foram julgados sob a mais asfixiante tensão. Na pauta dos julgamentos estiveram ex-governadores como Seixas Doria, Mauro Borges, Plínio Coelho, o escritor Astrogildo Pereira, quase criando um caso militar, o economista Sérgio Resende, filho do marechal Taurino (que era da Linha Dura até a prisão do filho) centenas de intelectuais, porque a reação foi tremendamente brutal contra a inteligência, professores, jornalistas, escritores, estudantes e centenas de operários. O terror intelectual deixou as suas sinistras garras, que um dia, através de Hitler, também atingiram a cultura alemã.

Cabe uma referência especial à classe dos advogados, patrocinadores das vítimas, que vencendo ameaças, foram dignos do sagrado

compromisso, assumido na oportunidade de suas formaturas. Sobral Pinto e Nelson Hungria, pela respeitabilidade dos seus nomes, figuram e primeiro lugar, para depois podermos enumerar Raul Lins, Vivaldo Vasconcelos, Osvaldo Mendonça, Evaristo Morais Filho, Paulo Mercadante, Arione Barreto, Cândido Oliveira Neto, Marcelo de Alencar, Alfredo Tranjan, Modesto da Silveira, J. Werneck, Godofredo Baker, Paulo Arguelas, George Tavares, Heleno Fragoso, todos nos foros da Guanabara e Brasília; Raul Chaves e Pedreira Lapa, na Bahia; Varela Barca, Ítalo Pinheiro, Carvalho Neto, no Rio Grande do Norte; Bóris Trindade, Fernando Tarso, professor Antônio Brito Alves, Rui Antunes e Juarez Vieira da Cunha, em Pernambuco.

Juristas como Seabra Fagundes, ex-ministro da Justiça, com a sua notável cultura, toma iniciativa de propor na Ordem dos Advogados, uma moção de solidariedade ao Supremo. Na imprensa surgiram pronunciamentos, dentre os quais poderemos ressaltar as declarações do professor Pontes de Miranda: “O Ato Institucional foi um buraco na Constituição, um ato de hipocrisia, porque arreventou com a legalidade, dizendo conservá-la. O que nos resta intacto é o Supremo Tribunal Federal, desde o Império, sempre tivemos alto nível jurídico”.

Curta, muito curta, é a memória dos homens. Mas, aquelas personagens que entram para a história, atravessam gerações e serão sempre recordadas, particularmente quando tiveram marcante atuação no ciclo dos fenômenos históricos.

Na modéstia desta homenagem, lembremos os seus nomes, que já se encontram plasmados na consciência dos brasileiros - Ministros do Supremo Tribunal Federal: João Villas Boa, Ribeiro da Costa, Hermes Lima, Victor Nunes Leal, Evandro Lins e Silva, Hanneman Guimarães, Lafaiete de Andrade, Cândido Mota Filho, Antônio Gonçalves de Oliveira,

Pedro Chaves, Samir Galotti.

OS IDEÓLOGOS DA FRENTE PARLAMENTAR NACIONALISTA

A Frente Parlamentar Nacionalista, através dos problemas levantados, deu ressonância e altitude ao Parlamento Nacional, que nos últimos tempos vinha atravessando uma fase de decadência, pela ausência na tribuna de oradores que no 1º e 2º Império, na República Velha e nos períodos anterior e posterior à revolução de 1930, pela eloquência e seriedade dos assuntos tratados, despertavam o interesse de toda a Nação.

Quantas vezes a Câmara parou para ouvir, com respeito e profundo interesse, Gabriel Passos e Barbosa Lima Sobrinho.

E os projetos de Lei, sérios, definitivos, quase proféticos de Sérgio Magalhães, Temperani Pereira e José Jofily. Minérios atômicos, assunto explosivo que Gabriel Passos falava de cátedra, afugentando os anões do imperialismo, que nunca o enfrentaram no debate, sempre arremetendo à traição. Nacionalização das empresas estrangeiras, doutrina em que Barbosa Lima Sobrinho é insuperável e que irrita profundamente os corifeus do entreguismo. Remessa de Lucros, fonte de empobrecimento do país na mensagem de Sérgio Magalhães, é ferro em brasa, queimando as banhas do imperialismo. Reavaliação dos Ativos das Empresas Estrangeiras é o caminho que Temperani Pereira ensina, para se poder fazer a encampação dos trustes sem o escândalo verificado com o ferro velho da AMFORP. José Jofily vendo com lucidez o problema da Reforma Agrária.

Os discursos condoreiros de Almino Afonso, a vigilância ininterrupta de Aurélio Viana, o petróleo na palavra de Seixas Dória, as denúncias no campo da economia e finanças de Hermógenes Príncipe, a réplica corajosa de Neiva Moreira às investidas dos reacionários, Ferro Costa, Adail

Barreto, José Aparecido, Roberto Saturnino, Celso Passos, lutando para injetar sangue novo à UDN, através da Bossa Nova. Paulo de Tarso e Plínio de Arruda Sampaio enfatizando a cristianização das reformas, Fernando Santana, Hélio Cabral, Silvio Braga, Rogê Ferreira, Ramon de Oliveira, Celso Brant, Artur Lima, Clidenor de Freitas etc. etc.. Examinando, com brilho, perceptibilidade, clareza, os assuntos fundamentais da vida nacional, Josué de Castro analisando, com autoridade, o problema da fome e Eloi Dutra, estarecendo a nação com o tremendo libelo contra o IBAD.

A Frente Parlamentar Nacionalista transformou a tribuna do parlamento no mais amplo pulmão, por onde respirava a liberdade do povo.²

Desfraldou, acima das siglas partidárias, a vigorosa bandeira da emancipação econômica do Brasil.

Marcou uma bela fase na histórica luta contra o subdesenvolvimento, a fome, a doença, o analfabetismo – em que se encontra vergonhosamente mergulhado o país.

Sofreu, na própria carne, a fúria vandálica da “revolução”. Com raríssimas exceções, foram cassados os mandatos dos seus líderes, que eram e continuam sendo os mais categorizados dirigentes do povo brasileiro.

Não pode existir democracia sem o diálogo entre o governo e oposição.

Os “revolucionários” cassaram os mandatos e direitos políticos da esmagadora maioria dos parlamentares nacionalistas, acusados de subversão, de agitadores, sob a alegação ridícula de que o novo regime necessitava de paz.

Paz dos cemitérios é o que a abrilada deseja, em que somente têm direito a falar, os coveiros da democracia.

² O autor, ex-deputado federal, integrou os quadros da Frente Parlamentar Nacionalista.

Não haverá diálogo ideológico, porque os ideólogos da Frente Parlamentar Nacionalista estão com os seus direitos políticos cassados.

Haverá o monólogo, triste e desprezível monólogo, sob a batuta nazifascista deste sinistro ventríloquo que se chama Francisco Campos.

A POSIÇÃO DOS INTELECTUAIS

Temos dois tipos de intelectuais, na atual conjuntura nacional. Os que se mantêm fiéis à mensagem de amor à liberdade de Romain Rolland e os que desejam eleger o marechal Castelo Branco para a Academia de Letras e que na ausência de maiores méritos literários, leva a vantagem de contar com o apoio do Pentágono e do Departamento de Estado.

A grande maioria dos nossos intelectuais, a exemplo de Marcel Proust, busca reconquistar o tempo perdido. É o desejo de ver o Brasil como um dos líderes do Terceiro Mundo. Os outros, preferem viver no quintal, humilhante quintal, plantando batata, comendo banana.

A participação dos intelectuais, no esclarecimento do povo brasileiro em torno das Reformas de Base, foi digna sob todos os títulos. Estiveram em todas as frentes e combateram o bom combate. Nunca o livro despertou tanto interesse. Surgiram coleções populares, a preço reduzido, para compensar a alta do custo do papel, que de passagem se diga, é monopolizado pelos trustes.

As editoras Civilização Brasileira, Universitária, Fulgor, etc. etc. estiveram na vanguarda. O ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) gestões de Rolando Corbusier e Álvaro Vieira Pinto, plasmando uma jovem mentalidade, abrindo perspectivas, rasgando novos horizontes, arejando a inteligência nacional. O ISEB era o oposto da Escola Superior de Guerra, um órgão reacionário.

O Comando dos Trabalhadores Intelectuais, apesar do curto período de sua existência, tornou-se histórico e aqueles que subscreveram o seu manifesto (com exceção de meia dúzia que se acovardou), têm uma posição definida no cenário literário do país. Era dirigido por uma comissão integrada por Alex Viana, Álvaro Lins, Álvaro Vieira Pinto, Barbosa Lima Sobrinho, Dias Gomes, Edson Carneiro, Enio Silveira, Jorge Amado, M. Cavalcanti Proença, Moacyr Félix, Néelson Werneck Sodré, Oscar Niemeyer, Osny Duarte Pereira.

Não foram simples pioneiros do nada, nem vendedores de ilusões. Mergulharam na realidade brasileira, agitaram a água traiçoeira do pântano, empenhados na mudança das velhas estruturas.

Institucionalizou-se o terror cultural, numa revivescência dos ultrapassados tempos de Hitler. Universidades militarmente ocupadas e os coronéis da linha dura, inquisitorialmente, boçalmente, interrogando as expressões maiores da inteligência e da cultura do Brasil, apreendendo livros, dando buscas nas livrarias, confiscando como subversivos, **Guerra e Paz, Nosso Homem em Havana, O Vermelho e o Negro**. Esses interrogatórios e essas apreensões de livros, se não fossem as trágicas conseqüências das torturas, dariam um saboroso anedotário, uma antologia folclórica, um expressivo atestado de burrice.

Poderíamos simbolizar em alguns, o elevado número de homens de pensamento, vilmente perseguidos.

Mário Shemberg, mestre dos universitários paulistas, o maior sábio brasileiro em física nuclear. Teve a solidariedade das importantes entidades científicas do mundo, mas, nem assim, deixou de ser perseguido impiedosamente pelos dedos-duros da ditadura, na devastadora companhia contra o que de mais expressivo existia na inteligência brasileira.

Enio Silveira, o editor, que não é somente o comerciante e o

industrial do livro, mas, também, o intelectual, com os olhos abertos para a realidade nacional, dando uma impressionante contribuição para o desenvolvimento no campo editorial brasileiro, superior mesmo, ao pioneirismo de Monteiro Lobato. Perseguido pelos IPMs que nele simbolizavam uma das colunas mestras da inteligência do país, precisando, urgentemente, de ser imobilizado, deixar de pensar, crime de lesa-pátria, na cubata dos botocudos...

Oscar Niemeyer, arquiteto que ultrapassou as fronteiras do Brasil para se transformar em figura internacional, um dos mais famosos do universo. O cérebro que realizou Brasília. Não tem condições de viver em sua Pátria.

Celso Furtado, que através da SUDENE, planificou os problemas do Nordeste, criando a primeira equipe de economistas com formação, mentalidade, unidade autenticamente brasileira. Hoje a SUDENE está descaracterizada e dirigida pelos “gringos” da Aliança para o Progresso e Celso Furtado exilado da pátria.

Paulo Cavalcanti, um dos nossos mais puros e lúcidos escritores, presidente da União dos Escritores de Pernambuco. Perseguido e humilhado pela ditadura militarista, recebeu impressionantes manifestações de solidariedade, inclusive de intelectuais de Portugal.

Darcy Ribeiro, a força criadora que possibilitou surgir a jovem Universidade de Brasília, marco imperecível em nossa história educacional (...), vive no exílio.

A liberdade de imprensa, para os jornais sindicais, estudantis, ideológicos, desapareceu, em todo o território nacional.

Na chamada grande imprensa os golpistas não conseguiram tudo como desejavam, sobrevivendo dois ou três órgãos, em oposição ao governo, da mesma maneira que no episódio da cassação dos mandatos dos

deputados e senadores, pouparam Doutel de Andrade, Aurélio Viana, Ermiro de Moraes e mais três ou quatro, para que restasse um arremedo de parlamento, dentro do plano de mistificação da opinião pública.

A liberdade desapareceu, também, dos púlpitos. Sacerdotes foram proibidos de falar, principalmente os padres ligados ao Grupo de Ação Popular, orientadores espirituais da Juventude Universitária Católica e os identificados com o sindicalismo rural. Nem a Igreja escapou ao regime da rolha. O arcebispo de Brasília Dom José Newton de Almeida Batista, foi indiciado em um IPM, como subversivo. Vários padres foram presos e outros estão exilados.

A resistência dos homens de inteligência, autêntica resistência de “maquis” da liberdade, efetivou-se nos quadrantes da Pátria.

Escritores da estatura de Tristão de Atayde, Oto Maria Carpeaux, Nelson Werneck Sodré, desmascararam a hipocrisia “revolucionária”, daqueles que violentaram a legalidade, sob o pretexto defendê-la.

Poetas como Moacir Félix, Vinícius de Moraes, etc., continuaram cantando a clara e humana canção, mensagem de fé no despertar das madrugadas anunciando que o sol da liberdade não morre e que o eclipse totalitário já entrou em declínio.

A cegueira, a ignorância, a incapacidade de raciocinar dos “condestáveis da revolução”, não permitem que eles sintam aquilo que os intelectuais norte-americanos já divulgaram: “A América Latina está nos espasmos de um dos grandes movimentos revolucionários dos tempos modernos. Tal movimento começou no México em 1910, e sua mais recente manifestação ocorreu em Cuba. Muito antes de se passar outro meio século, ele terá abalado e transformado toda aquela vasta região”.

A CORRUPÇÃO E OS “ESTEIOS MORAIS”

Muita coragem, coragem em mamar em onça. Muita falta de vergonha, também, esta história de que a “revolução” foi feita contra a Corrupção.

- E o Dr. Adhemar de Barros como vai?
- Como passa o general Mendes de Moraes?
- E Manoel Novais tem mandado notícias do Vale do São Francisco?
- E o deputado Armando Falcão está bem?

E a imensa quadrilha que rouba este país, servindo a todos os governos, financiando toda espécie de candidatos, foi molestada? Os inquéritos do DNOCS, DNER, IBC, LOIDE, DNEF, DPRC, nos Institutos, Caixas Econômicas, o imenso “Panamá”, em que deu? Deu em nada, porque a maioria dos ladrões que já vinha no bojo da conspiração passou a apoiar a “revolução”, colaborando na obra de “reconstrução nacional”... E a gorjeta é risonha e franca. E o cordão dos gorjeteiros, cada vez engrossa mais.

Tem muita gente faturando alto. Existem “marmeleiros” recebendo de várias fontes. Primeiro foram certos governadores, que através de “presentes”, não entraram no listão das cassações de mandatos, escapando. Os IPMs nunca procuraram esclarecer estes fatos. A “caixinha” passou a ser instituição nacional, amém.

Seria o sujo falando do mal lavado. Falta autoridade moral. Os maiores corruptos que o Brasil conheceu, desde os mais recuados tempos, cinicamente, deslavadamente, atrevidamente, provocativamente, falando em combater a corrupção, enchendo as bochechas de honestidade, arrotando dignidade.

O ridículo também mata. E a “revolução” caiu no ridículo. Perseguiu modestos funcionários, catou migalhas, mas, não teve coragem de meter a mão no formigueiro, porque entre os formigões, estavam muitos dos pró-homens da abrilada, amaciaram muito rapidamente...

E os testas de ferro dos grupos imperialistas?

E os malandros de alto coturno do sub e do super faturamento?

E os grandes sonegadores do Imposto de Renda?

E os reis do contrabando?

Todos continuam tranqüilos, apresentando-se como salvadores da civilização ocidental e cristã, oferecendo banquetes e brilhantes recepções no café soçaite, aos mais categorizados líderes “revolucionários” .

É triste, mas é verdade.

GOVERNO DE VELHOS COM VELHAS MENTALIDADES

Revolução é mudança, transformação social, modificação das instituições fundamentais do Estado, alteração das estruturas econômicas da sociedade, da tradição cultural. Não havendo isto, é revolução aspeada, golpe, quartelada, abrilada.

Sociologicamente, tivemos no dia 1º de abril, um golpe, no tradicional estilo sul-americano, dirigido por um grupo de generais, insuflado pelos Estados Unidos da América do Norte.

A base militar do movimento, foi a revanche do 25 de agosto, quando a liderança política esteve nas mãos dos udenistas, evidentemente, com infiltração, tanto militar como política, de elementos conservadores de todas as áreas.

A política externa do governo e as reformas de base, serviram de denominador comum para aglutinar as forças interessadas na manutenção

do *status-quo* do país. Poderosos interesses econômicos estavam sendo contrariadas e foi fácil manipular os “inocentes úteis” do imperialismo, na velha base da ameaça comunista, pretexto sempre renovado para deter a emancipação brasileira da espoliação dos trustes, sem pátria e sem bandeira, adoradores exclusivamente do dinheiro, mais sórdidos do que o avarento de Molière.

Retrocedemos no tempo e nos encontramos na época do Conselho de Anciãos, provecas e respeitáveis múmias, cochilando, aguardando, serenamente, que a Revolução Francesa e a revolução Industrial Inglesa, operassem as grandes transformações sociais.

Temos, no Brasil, um governo de homens velhos, e o pior, com velhas mentalidades. A tônica do regime, é o reumatismo, o bocejo, o conformismo. Parece a França no tempo de Petain.

Eduardo Gomes lembra uma milenar figura egípcia e Juarez Távora tem nobreza mitológica. Suplicy de Lacerda é uma curiosa figura barroca e Buzizio um autêntico bonzo chinês.

Na presidência da **távola**, que não é redonda, o marechal Castelo Branco, com a sisudez dos homens provecos da Idade Média, assessorado pelos anacrônicos Eurico Dutra e Odilio Denys.

OS INOCENTES ÚTEIS DO IMPERIALISMO

Falou-se muito em “inocentes úteis do comunismo”. Falemos, agora, em “inocentes úteis do imperialismo”.

Façamos, antes, um esclarecimento, de que o inocente útil, não tem a periculosidade e os mesmo crime do testa de ferro, do caixeiro viajante ou do sócio dos grupos econômicos, que corroem e solapam a riqueza do Brasil.

O inocente útil, não recebe dinheiro, não se vende, não é um mercenário. Vamos citar três exemplos de inocentes úteis do Imperialismo: Juarez Távora, Juraci Magalhães e Gustavo Corção.

O bravo ministro Juarez Távora é um caso de retardamento mental. O ilustre embaixador e ex-governador Juracy Magalhães, por excesso de vaidade, chegou mesmo a afirmar num gesto servil que “o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”. O virtuoso Gustavo Corção é inocente útil pelo horror ao comunismo.

O caso de Eugênio Gudin, é diferente. É tipicamente um testa de ferro exercendo cargos executivos, de gerência, direção, nas empresas estrangeiras instaladas no Brasil.

O professor Roberto Campos pode ser catalogado, classificado, para usar um termo técnico, tão a gosto do eminente teórico do entreguismo, como “caixeiro viajante do imperialismo”.

A categoria mais alta, a de sócio, de agente direto do capital estrangeiro, pertence àqueles que estão entrosados com os poderosos cartéis internacionais. Exemplo: Sebastião Paes de Almeida, sócio do truste mundial do Vidro Plano e Walther Moreira Sales ligado à rede bancária internacional.

Todos eles são responsáveis pelo atraso, retardamento, prejudicando o desenvolvimento do Brasil. Direta ou indiretamente estão implicados na grande conspiração arquitetada pelo imperialismo.

Foram joguetes na preparação do golpe militar. E como conseqüência, o Brasil perdeu a sua liderança continental, voltando a ser um fonógrafo do Departamento de Estado.

Na cartilha dos inocentes úteis do imperialismo, são considerados subversivos aqueles que seguem o exemplo de Tiradentes e patriotas os comparsas de Calabar. Ontem e hoje, a luta é a mesma.

FALTOU AMADURECIMENTO AO CGT

A tradição de luta dos trabalhadores brasileiros merece todo respeito. É um longa caminhada de sacrifícios, pontilhada de frustrações, mas, também, com assinalados marcos de vitórias, forjando uma luta, uma liderança martirizada pela reação, politizada na dura escola dos Sindicatos, calejada nos piquetes para deter os fura – greves, imolada nas “brigadas de choque” nos embates para deter a prepotência policial, que ainda hoje continua pensando que o “ problema social é uma questão de policia”.

As primeiras grandes greves brasileiras eclodiram no período de 1920-1922. São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, foram os cenários aonde o proletariado, em primeiro lugar, começou a tomar conhecimento de sua força de classe, ensaiando os seus primeiros passos, parando fábricas, detendo navios nos portos, imobilizando as locomotivas nas estações das estradas de ferro, lutando pela jornada de oito horas de trabalho, pelos primitivos aumentos de salários. Não existiam ainda os Sindicatos e as organizações operárias denominavam-se Ligas, Centros, Resistências, como as famosas Resistências dos Portuários. Era a forte mensagem que chegava, nos porões dos negros cargueiros alemães, trazendo notícias das greves dos estivadores do porto de Hamburgo...

A Legislação Trabalhista de Getúlio Vargas, codificada por Lindolfo Collor, representa a carta de alforria do trabalhador brasileiro, apesar da tendência corporativista.

Clarearam os horizontes e o nosso proletariado ganhava maioria e tinha de assumir maiores responsabilidades, principalmente no campo político. Partiram, daí, os sindicatos.

O estivador Álvaro Ventura, eleito por Santa Catarina para a Assembléia Constituinte, foi o primeiro trabalhador, escolhido pelo voto

direto, para o Congresso Nacional, como candidato específico da classe operária.

Várias tentativas foram feitas para a organização de uma Central Operária, congregando, nacionalmente, as entidades operárias.

A mais séria articulação, verificou-se em 1945, na fase da redemocratização do país.

Surge o MUT – Movimento Unificador dos Trabalhadores - presidido por Humberto Morena, como embrião de uma futura Confederação, que encontrou os seus primeiros obstáculos na Consolidação das Leis do Trabalho, moldada, conforme afirmamos anteriormente, em alguns capítulos no estatuto corporativista de Mussolini. O MUT terminou interdito pela justiça e pela polícia, dentro da orientação reacionária do governo do Sr. Eurico Dutra. (O autor esteve presente na reunião de fundação do MUT).

Durante o Estado Novo houve profunda distorção nas lideranças sindicais. Predominou o paternalismo do Ministério do Trabalho. Surgiram, então os pelegos, e o peleguismo transformou-se em instituição nacional. Originariamente, o pelego destinava-se a combater as lideranças independentes, e de uma maneira especial, os comunistas. O peleguismo é fruto do anticomunismo. Isto, entretanto, não invalida o fato, de que muitos comunistas, transformaram-se em pelegos. Estamos falando em tese. Deocleciano Holanda é a figura clássica do pelego de gabarito internacional. O velho Duque, cacique durante muito tempo da orla marítima do Rio de Janeiro, é outro pelego célebre, mas de notoriedade regional. Com o correr do tempo, a classificação de pelego tomou outras amplitudes e serve, nas acusações mútuas, para identificar, de maneira pejorativa, qualquer dirigente sindical.

A presença do Sr. João Goulart, no Ministério do Trabalho,

posteriormente na Vice – presidência da República e ultimamente a Suprema Magistratura do País, fortaleceu, bastante, o movimento sindical brasileiro. Depois de Jango, os políticos que mais se identificaram com os trabalhadores, foram os ex-Ministros do Trabalho, Danton Coelho e Almino Afonso.

Chegamos, finalmente, ao CGT, Comando Geral dos Trabalhadores. A exemplo do MUT, destinava-se a transformar-se em uma poderosa Central Proletária nos moldes das existentes na França, Argentina, Inglaterra, Alemanha.

Na estrutura ministerial, funcionavam dentro de suas categorias profissionais, várias Confederações e Federações, como sejam CNTI, (Confederação Nacional Trabalhadores na Indústria), CONTEC, CNTC, CONTCOD, CONTAF, CNNT, CBTC, CONTA, sólidas Federações, como as dos Estivadores, Marítimos, Bancários e Ferroviários.

Paralelo ao CGT, funcionavam o PUA, Pacto de Unidade e Ação, inclusive do marítimos, portuários, e ferroviários, CONSIMTRA, Conselho Sindical dos Trabalhadores, etc.

O CGT projetou-se nacionalmente. Em quase todos os Estados instalaram-se comandos sindicais de trabalhadores e, nas cidades industriais do interior, comandos municipais de trabalhadores.

Clodomisth Riani, deputado estadual por Minas Gerais, era o Presidente do Comando Geral dos Trabalhadores e o dirigentes dos estivadores Osvaldo Pacheco, do PUA. Melo Batista, Hércules Corrêia, Pelacani, Chamorro, Tenório, Marneli, Pernambuco, Aroeira, Plácido, Cerqueira, Bastitinha, etc, haviam conquistado a liderança de suas categorias profissionais, no desenrolar de muitas lutas, no deflagrar de muitas greves.

O CGT cresceu aos saltos, rapidamente, assustando, assombrando

mesmos os setores empresariais do País, na sua maioria, com uma estreita visão do que realmente deve ser a convivência entre o Capital e o Trabalho, o primeiro gerando maiores lucros e o segundo desejando melhores salários. Estes setores não se preocupavam em aprofundar o problema e conhecer a realidade, na qual se identificam as forças externas da espoliação nacional, que não permite a expansão do nosso parque industrial (...).

O fantasma de uma República Sindicalista, começou a tirar o sono de muitos generais, inclusive de uns que até esqueceram os ensinamentos do positivismo.

O vertiginoso crescimento do CGT, não permitiu que ele se estruturasse devidamente. Funcionava de “cima para baixo” e não de “baixo para cima”, segredo do êxito de todas as instituições populares. Não havia organização de bases, nos setores de trabalho.

O divisionismo também prejudicou. A ação solerte de Gilberto (...) de Sá, assessor sindical do Presidente da República, pelego do novo tipo, comandando um grupo revisionista e oportunista, dificultou a ação do CGT, enfraquecendo-o nas suas decisões. Alguns dirigentes do CGT também estavam tão autosuficientes, com as minhocas tomando conta de suas cabeças, com olhos nas nuvens, longe da terra firme, mas estes eram poucos. A grande maioria tinha lucidez, capacidade de comando.

Até às vésperas da abrilada, o CGT não havia adquirido uma estrutura definitiva, vivia uma fase de formação, procurando consolidar-se.

Na hora de tomar a grande decisão, quando o dispositivo militar do governo falhou, e as massas deviam passar à ofensiva, o Comando Geral dos Trabalhadores demonstrou que ainda lhe faltava o necessário amadurecimento. Perdeu uma batalha - e que grande batalha -, mas ainda não perdeu a guerra...

A UNE LIDERA A JUVENTUDE

A União Nacional dos Estudantes nasceu sentindo o cheiro da pólvora. Os pracinhas embarcavam para a Europa e os estudantes garantiam a retaguarda, lutando na frente interna, enfrentando e derrotando o Estado Novo nos últimos estertores da ditadura.

A UNE é um símbolo, é o toque mágico que deu acento a uma geração sacrificada pelos dogmas do totalitarismo.

Quem participou de suas lutas continuará pela vida afora combatente da democracia.

A “revolução” de 1º de Abril voltou-se, principalmente, contra os estudantes e os operários. Um ódio de morte à UNE e ao CGT.

Não poderá sobreviver muito tempo um movimento que se volta contra a juventude, que se antepõe ao futuro, que se irrita com o franco sorriso e tem receio da agitada participação estudantil.

Antes e depois da UNE, é o divisor de águas, na vida universitária brasileira.

Os mais lúcidos dirigentes do Brasil, nestes últimos quinze anos, fizeram o seu aprendizado nos diretórios estudantis, fabulosa escola de política. Hélio de Almeida, Jânio Quadros, Almino Afonso, Paulo de Tarso, Armando Monteiro Filho, Rogê Ferreira, etc.

É verdade que existem os “realistas cínicos” que foram revolucionários na juventude e hoje são os melhores amigos dos Estados Unidos.

A UNE plantou uma semente, que se transformou na árvore da Liberdade cuja seiva teve alento no sangue quente da juventude, no sangue de Demócrito de Souza Filho.

A UNE ensinou que ninguém pode deter, acorrentar, aprisionar, oit

milhões de brasileiros no roteiro de sua emancipação econômica.

Os congressos estudantis debatiam problemas, que eram autênticas plataformas de governo, orientando, alertando, esclarecendo a juventude. Eram campos experimentais, em miniatura, para o amplo e patriótico exame da realidade brasileira. A tribuna aonde os jovens se iniciavam no diálogo, descarnando as falsas teses e apontando à execração pública os vende-Pátria. Um dia os anais dos Congressos UNE serão reunidos e publicados, como exemplo soberbo e edificante para as gerações futuras.

O CPC da UNE, Centro Popular de Cultura, fonte criadora, esbanjando inteligência, levando ao povo, através da poesia e da música, a fraternal mensagem de democratização da cultura, que deve ser um bem de todos e não um privilégio dos bens nascidos.

Teatro da UNE, com as suas peças revolucionárias, ou seus coros falados, os seus declamadores, a figura de Oduvaldo Viana Filho, tão diferente da mofina teatralização estudantil de Pascoal Carlos Magno.

Imprensa Universitária, corajosa, vanguardeira, terrivelmente polêmica no bom sentido, ponto de partida para muitos jornalistas que hoje dignificam a classe.

Editora Universitária, fazendo o lançamento de livros que ajudaram a modificar, para melhor, a história das idéias no Brasil. “Cristianismo Hoje” é um destes livros marcantes.

E, finalmente, a UNE VOLANTE. Meteoro rasgando as dimensões continentais do Brasil. Um rastro de fogo, uma mensagem de fé, Estrela Vespertina, prenúncio de libertação. “Canção do subdesenvolvido”, de Francisco de Assis e Carlos João da Silva”, e “O Falso nacionalista”, de Billy Blanco. “Zé da Silva (...) do trilhãozinho”, “Guilheiro”. Os fabulosos poemas de Ferreira Gullar.

Jovens líderes estudantis que hoje são legendas: Eirado, Aldo

Arantes, Betinho, José Serra, Natánias von Shosten, Paulo Oliveira, Marcos Lins etc., Vinícius Caldeira Brant, Marcelo Cerqueira.

Justifica-se, portanto, o ódio dos homens do 1º de abril contra a UNE. É o choque inevitável de duas mentalidades. O passado tentando, desesperadamente, resistir ao futuro. Velhas e enegrecidas idéias, aterrorizadas com o rubro clarão das madrugadas.

Pensam parar com baionetas, a roda da História. Burros e ingênuos.

O Presidente Castelo Branco extinguiu a UNE, na desesperada tentativa de degolar, mesmo por decreto, a juventude brasileira.

A QUESTÃO DOS SARGENTOS

Democratização ou indisciplina das forças armadas? Estamos diante de um paiol de pólvora, tese controvertida, que apaixona e provoca mútuas agressões, abrindo velhas e profundas cicatrizes.

Teriam os sargentos, como norma, direito a chegar ao generalato, ao almirantado, ao brigadeirato? Isto faria desaparecer o espírito de elite, na formação da oficialidade, a deformação da casta, atingindo a tradição de ilustres famílias de militares?

Osório não foi um rude soldado de cavalaria e Tamandaré um simples marinheiro? E porque a elevação de Cândido Aragão ao posto de almirante, despertou tanto ódio? Osório e Tamandaré, foram homens que se identificaram com as classes dirigentes da época. Aragão não perdeu as suas raízes e continuou, para desespero do almirantado, sendo um almirante com a vivência, a formação e a mentalidade de um sargento fuzileiro naval, na autenticidade de sua origem camponesa, vindo dos latifúndios paraibanos, tangido pela seca, como milhares de nordestinos, sobreviver nas fileiras da marinha. A promoção do então capitão de Mar e Guerra

F.N. Cândido Aragão, ao posto de Contra-Almirante, estabeleceu um pleno divisor de águas entre as duas origens. Vimos o pré vencendo as barreiras do convecionalismo arcaico e criando uma espécie de frustração no tradicionalismo naval, verdadeiro rompimento da estanqueidade de acesso do homem do povo aos mais altos escalões da Marinha. E por isto foi chamado de Almirante do Povo.

A revolução de 1930 possibilitou que muitos sargentos fizessem carreira, atingindo ponto máximo na hierarquia militar.

A conspiração em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, devido à concentração de contingentes do Exército, no cerco a João Pessoa, candidato a vice-presidente da República, como companheiro de Getúlio Vargas, na chapa da Aliança Liberal, deu aos sargentos as suas primeiras chances. Quando Agildo Barata e Juraci Magalhães mataram o general legalista Lavanere Wanderley, estavam apoiados nos sargentos, porque era muito reduzida a participação da oficialidade na conspiração. Depois da vitória da Revolução de 30, TODA a oficialidade aderiu. Mais ou menos como aconteceu, agora, após o golpe de 1º de abril.

Naquela época chamavam-se de autênticos. Hoje intitulam-se Linha Dura.³

Os sargentos se deslumbraram com o êxito do 25 de agosto, apoiando o movimento de Brizola e Machado Lopes, que levantaram em armas o Rio Grande do Sul. Os sargentos constituíram a retranca, o impasse, a mola decisiva que impediu as forças reacionárias dirigidas por Denys, Silvio Heck e Grun Moss de sair dos quartéis e enfrentar o rolo compressos do III Exército.

Foi, realmente, decisiva, a participação dos sargentos para a posse de João Goulart, à Presidência da República.

³ O autor, menino ainda, participou da revolução de 30, possuindo um documento firmado pelo então vice-rei do Norte, Juarez Távora.

E os sargentos começaram a sonhar com os bordados de general. Nada mais humano. Faltava, entretanto, maturidade, um mínimo de condições reais.

Dentro da velha estrutura – política, militar, econômica – não existe possibilidade de transformar em realidade as aspirações dos sargentos.

Encontramos, entretanto, na interpretação dialética dos fatos, uma saída baseada na luta anti-imperialista. Anteriormente os sargentos haviam sido liderados pelos generais Zenóbio da Costa e Teixeira Lott, em defesa de reivindicações essencialmente práticas: estabilidade aos 10 nos, direito de casar, melhorias de vencimentos...

Depois de 25 de agosto, despontava um líder civil, Leonel Brizola, e as reivindicações políticas, acenando aos sargentos, a possibilidade de ocupar altos postos.

Isto, somente seria admissível em um Exército Nacionalista, libertado da tutela norte-americana. E os sargentos engajaram-se na luta anti-imperialista. É um fenômeno novo, um fato sério, seríssimo. Aparentemente não se nota em profundidade como são perigosas as águas profundas, o caldo de cultura aonde atuavam os sargentos. Tinham um forte e saudável coloração anti-imperialista.

Isto não desapareceu. Continua latente. É uma mensagem muito forte, principalmente na época em que estamos vivendo, com um governo sem possibilidades de sensibilizar as áreas populares, ausente, distante da democracia, enrodilhado no cipoal da filosofia entreguista de Roberto Campos.

Os sargentos esperam.

A eleição de Garcia Filho para a Câmara Federal, deu à classe o seu primeiro porta-voz, oriundo de suas fileiras. É um fato novo. O grande exemplo de que os sargentos também podem participar da suprema direção

nacional. E o mesmo, inteligentemente, intitulava-se de “sargento-deputado”.

Os sargentos deslumbraram-se.

Concorrendo, na Guanabara, com um marechal, o sargento Garcia Filho elegeu-se. O Marechal Mendes de Moraes ficou na suplência e somente ocupou o posto, quando a “revolução” cassou o mandato de Marco Antônio. Um humorista (...) glosou o episódio, afirmando: mais vale um sargento eleito, do que um marechal na reserva (...) dupla reserva, militar e política.

Estamos diante da revolta de Brasília. Uma atitude de protesto, um positivo gesto de desespero. O grande responsável foi a Justiça Eleitoral. Registrou, em todo Brasil, as candidaturas dos sargentos. Muitos deles foram eleitos. Na hora da posse, surgiu a chicana da impugnação, o golpe baixo, particularmente em São Paulo e nos pampas, sedes dos dois maiores exércitos, o II e o III. No Rio Grande do Sul o nome do sargento Arimoré transformava-se em uma nova bandeira. Os seus companheiros ansiavam por vê-lo na tribuna do Parlamento. No Recife, o sub Medeiros, elege-se vereador, passando à categoria de representante do povo da mais libertária cidade brasileira.

Confirmada a decisão da Justiça Eleitoral, degolando os sargentos eleitos, numa repetição grosseira dos fatos que antecederam 1930, no tempo da chamada República Velha, os sargentos empunharam suas armas, momentaneamente dominaram Brasília, deixando a Nação estarrecida.

A Área Alfa da marinha e a base Aérea, sublevaram-se. O Exército ficou de fora. A liderança da revolta, coube ao sargento Prestes, da Aeronáutica, que não tem nenhum parentesco com o Sr. Luís Carlos Prestes.

Na recapitulação dos grandes conflitos sociais, além de outros, poderemos enumerar Fulgêncio Batista, Sandino e Timoschenko. O sargento Batista derrubou uma ditadura, em Cuba, para depois, com a marcha do tempo, amaciado pelo imperialismo, transformar-se em um tirano, em um ditador da direita, dentro do figurino de Hitler. O sargento Sandino foi um nome legendário na Nicarágua, assassinado pelos agentes das “forças ocultas”, quando encaminhava a sua pátria no rumo da emancipação econômica. Timoschenko, sargento do exército czarista, transformou-se em Marechal do Exército Vermelho, em Herói da II Grande Guerra.

Existe no ar uma interrogação. Aonde estavam os sargentos no dia 1º de abril? Eles que de maneira tão entusiasta haviam recepcionado o presidente Goulart, no ato público realizado na sede do Automóvel Clube.

Dois fatores decidiram a situação. Em primeiro lugar a surpresa, que na arte da guerra, representa cinquenta por cento do êxito do empreendimento.

E o sistema governamental de então, foi completamente surpreendido ficando perplexo, atônito, sobressaltado. O segundo fator, foi a falta de uma voz de comando. Se o Presidente da República, Ministro da Guerra, Aeronáutica, Marinha, Chefe da Casa Militar, autorizasse a luta, o Brasil teria caído na guerra civil, ou no recuo dos golpistas, porque os sargentos teriam ido para as trincheiras.

Tivemos um retrocesso no processos do desenvolvimento nacional e imensos prejuízos para o Brasil. Os vitoriosos implantaram o terror e o (...) está campeando pelo país inteiro. Torturas medievais, métodos hitleristas, missões, deixando centenas de famílias morrendo de fome. A piedade secando no coração dos homens e mulheres que esqueceram a lição do Cristo e se deliciam com o suplício e a miséria dos seus compatriotas.

Consola saber que a tirania nunca foi eterna e triste é o fim dos tiranos. (...) não tivera, força para demover a marujada amotinada. A imagem de Krilenko devia estar fantasiando a mente de muitos marinheiro...

O Almirante Silvio Mota, então Ministro da Marinha, que puniu os marinheiros, teve oportunidade, no discurso pronunciado no tradicional almoço ao Almirantado, no final do ano de 1963, de responsabilizar o alto comando naval pelo desencontro existente entre oficiais e subalternos.

Outro Ministro da Marinha, o último do governo João Goulart, almirante Paulo Mário, apontado com um dos varões de Plutarco das forças armadas, em pronunciamento público, denunciou a má alimentação servida aos marinheiros e que as divergências entre oficiais e praças tinham um motivo básico: o fato de os oficiais fazerem bacanais a bordo dos navios, tomando bebedeiras e levando mulheres de toda espécie, e os soldados não poderem tomar parte nessas farras. Estas declarações do almirante Paulo Mário, irritaram profundamente os escalões superiores da marinha, principalmente pela discriminação denunciada entre os que vivem no convés e os que habitam os porões.

Quando o Presidente Goulart compreendeu a gravidade da situação, delegou poderes ao Ministro da Justiça Abelardo Jurema para resolver a questão. Antes já haviam falhado nessa missão o Coronel Dagoberto Fernando Rodrigues, diretor do Departamento dos Correios e Telégrafos, e o deputado federal Fernando Santana, mesmo porque o general Assis Brasil, Chefe da casa Militar, patrocinava, até certo ponto, a tese, realmente válida, de que se o Presidente não contava com a oficialidade, tinha de apoiar-se nos marujos.

A liderança da Associação dos Marinheiros manteve-se intransigente.

Era o grande pretexto que a reação esperava: a quebra da disciplina.

O pingo d'água que justificou o golpe, agravado com o discurso do Automóvel Clube⁴

NACIONALISMO NAS FORÇAS ARMADAS E O ESQUEMA ASSIS BRASIL

Nunca o ódio manifestou-se tão cruel, de maneira tão impiedosa, nas forças armadas, como nos dias que se seguiram ao golpe de 1º de abril.

Uma “revolução” que não disparou um tiro e nem derramou gota de sangue e que os seus chefes, até nas antevésperas, rendiam todas as homenagens ao presidente deposto e haviam recebido dele e dos seus antecessores (Jânio e Juscelino), além de promoções, favores e prestígio.

É uma noite negra, a história de um submundo, um mergulho nos subterrâneos do terror.

Pela primeira vez foram demitidos oficiais da Forças Armadas, sumariamente, sem processo, sem julgamento, sem condenação. Quebrou-se uma tradição secular, um perigoso precedente, um exemplo que poderá gerar as mais lamentáveis conseqüências.

Respeitáveis generais, almirantes, brigadeiros, categorizados coronéis (...) e guerra, comandantes de maiores e menores patentes das forças de terra, mar e ar, foram enxovalhados, sem acesso ao mais elementar e humano direito de defesa.

Pesa, no ar, uma interrogação. Para onde marcha o Brasil?

⁴A Associação dos marinheiros, nos seus pronunciamentos afirmava lutar para extinguir a chibata moral, a obtenção do direito de voto, dos direitos democráticos. Queria assegurar o livre trânsito de organização e pensamento, de viver como seres humanos. Reivindicava a reforma do Regulamento Disciplinar da Marinha, considerado anacrônico; reconhecimento a elas, autoridades navais da AMFB; Estabilidade para cabos, marinheiros fuzileiros navais e superiores, pois considerava os seus associados uma parcela do povo fardado. Além do Rio, a AMFP tinha o seu núcleo mais forte em Natal, que é a segunda concentração naval do país – presidida pelo marinheiro Zenildo Rebouças Barreto, ao lado de Valdecir Aguiar, Roque Carvalho, Amarento Rodrigues, Antônio Firmino, José Augusto Sobrinho e Aldecir Queiroz. Na base de Ladario, Mato Grosso, o líder era o marinheiro Edson Brasil, que teve grande notoriedade. Em Recife, coube a presidência da Associação a Carlindo Vitorino dos Santos.

Antigas e profundas são as raízes nacionalistas nas forças armadas. O militar é, essencialmente nacionalista, por formação e por vocação. O nacionalismo, entretanto, sofre profundas distorções e muitas vezes leva ao fanatismo, ao radicalismo da direita, às falsas posições e teorias do fascismo, no auge da exacerbação patriótica.

A marcha da Coluna Prestes, realizando o pioneirismo da idéia da integração nacional, é a primeira e maior manifestação nacionalista de nossas forças armadas. Com a vitória da Revolução de 30 e a prematura morte de Siqueira Campos, houve a inevitável divisão. Luís Carlos Prestes e Miguel Costa inclinaram-se para a esquerda, enquanto Juarez Távora e Cordeiro de Farias, abriram para a direita, para citar unicamente estes como exemplo.

Posteriormente a 1930, tivemos outros movimentos. O constitucionalista de 1932, acusado de profundamente reacionário; esquerdizante de 1935, apontado como uma intentona comunista; integralista de 1938, também chamada de revolução dos Covardes, pelo seu próprio chefe, tenente Fournier. Nestes movimentos, houve tiros e mortes, diferente do golpe de 1º de abril, quando não houve nem tiros de festim.

Mas, em compensação, fez desabar uma tempestade de ódio.

O EXEMPLO DE FLORIANO

Que imensa falta está fazendo ao Brasil um novo Floriano! Este, sim, é o símbolo maior do nacionalismo nas forças armadas.

O plano super-entreguista do atual governo fatalmente terá de chocar-se com o espírito nacionalista da oficialidade.

O limite será a Petrobrás. Sente-se que o esquema imperialista

fecha-se em torno do petróleo e trama-se a alienação da grande empresa estatal.

A Petrobrás é intocável! Não esqueçam e não subestimem. É bem possível que surja um novo Floriano. Poderá ser um general, mas, também poderá ser um capitão um coronel, um Nasser brasileiro.

Tenham juízo, tirem a mão de cima da Petrobrás. Esta terra ainda tem dono.

GENERAIS DO PETRÓLEO

Hora Barbosa, Leitão da Cunha, Felicíssimo Cardoso, Estilac Leal, são os generais do petróleo, ficaram na história, ao lado de centenas de patriotas, ao levantar bem alta, a bandeira imbatível do “Petróleo é Nosso”, que ainda hoje continua fazendo espumar de raiva, a camarilha de entreguistas.

Quer identificar um entreguista?

Simple, muito simple. Faça-lhe uma indagação sobre a política petrolífera e se ele repetir o slogan criado pela Standar Oil de que todo aquele que defende a tese do “petróleo é nosso”, é comunista, você, então, terá a figura mesquinha do entreguista.

Belíssima campanha, que pela primeira vez, uniu na mesma frente, estudantes e militares, intelectuais e militares, operários e militares.

Esta frente está precisando ser reconstituída, para salvação da pátria.

A TRADIÇÃO DO CLUBE MILITAR

Como o marechal Castelo Branco lembra o marechal e também presidente Hermes da Fonseca. Ambos chegaram à suprema magistratura

do país como ídolos do exército. Ambos quiseram ser políticos e terminaram enrodilhados, porque é muito diferente a arte da guerra e a malícia da política.

O fim político de Hermes da Fonseca, inclusive incompatibilizado com os seus camaradas de farda, fechando o Clube Militar, depois de uma administração parecidíssima com os métodos castelistas, foi melancólica, para não dizer desastrosa.

A tradição do Clube Militar vem de longe. Na sua tribuna debatem-se todos os grandes problemas nacionais. Ainda repercutem as inflamadas e atrevidas palavras de um tenente Gwyer de Azevedo, nos idos do 5 de julho.

A candidatura do general Estilac Leal, à presidência do Clube⁵, em bases eminentemente nacionalistas, foi o divisor de águas, levando para dentro dos quartéis o debate em torno da tese de que a independência política exige a independência econômica.

É muito sintomático o Clube Militar encontrar-se à margem da “revolução”, sem opinar, por intermédio de sus assembléias.

Apesar de cassadas as patentes dos mais categorizados líderes nacionalistas do Exército, o espírito da emancipação nacional, continua latente. As primeiras Assembléias demonstrarão. Mas a “revolução”, tem horror a tudo que cheire a reunião democrática... medo danado de exercitar a democracia.

O ESQUEMA DO GENERAL ASSIS BRASIL

⁵ A candidatura do General Estilac Leal à presidência do Clube Militar, na época da guerra mundial, foi coordenada no Nordeste, e lançada de Natal, pelo major Julio Sergio. O autor, secretário do vespertino O DIÁRIO DE NATAL, foi quem deu o “furo” e transmitiu a notícia para as agências noticiosas do país. ²³⁸

O esquema militar de sustentação do presidente João Goulart anunciado pelo general Assis Brasil foi como a Batalha de Itararé, não houve.

Lamentável por todos os títulos, o depoimento do general Assis Brasil, após a “revolução”. Depois de uma atitude correta, acompanhando o presidente nas suas peripécias pelas selvas, pelas barrancas dos rios, deixando-o no exílio e de lá voltando. Na qualidade de militar, não desejava passa a desertor, apresentou-se aos novos mandatários da nação. Correto. Prestou, entretanto, aquelas declarações, nos seus depoimentos, realmente incompatíveis para um homem que teve em suas mãos tão grandes responsabilidades: é o depoimento do “Nunca, Jamais, Em tempo Algum...”.

Não teria havido necessidade do famoso Esquema Assis Brasil se o Presidente João Goulart, utilizando-se da chamada Lei Denys, tivesse mantido o general Osvino Alves na ativa e no Comando do I Exército. Este, sim, era o chefe militar que todas as área de sustentação do governo aceitavam e desejavam. A saída de Osvino foi o primeiro passo de Jango, no processo de sua deposição.

A IGREJA DE CRISTO NA MIRA DA “REVOLUÇÃO”

Como está jovem, nos dias de hoje, a milenar bandeira de Cristo.

E mais uma vez, os cristãos voltam às catacumbas para sobreviver ao neocezarismo.

Caldeados no sofrimento, todos nós acreditamos, com mais insistência, no humanismo da mensagem de João XXIII e na ação social de Paulo VI.

A Igreja não escapou ao ódio da “revolução” na sua investida contra

todos aqueles que se identificaram com as classes menos favorecidas, interessados pelos problemas sociais, na luta contra miséria.

O grande pensador católico Tristão de Atayde afirmou textualmente: “Se não houve agora bispos encarcerados, houve bispos ameaçados e insultados. Houve e continua havendo sacerdotes presos e torturados, como o Padre Francisco Lage, exilados ou com os seus direitos políticos cassados, sem a menor culpa, se não a de tentarem no exercício de suas funções – como este pupilo espiritual do grande Bispo Dom Alano, o ex-Secretário de Educação de Goiás – cristianizar o sistema goiano de educação”. O padre Rui, acima citado, teve os seus direitos políticos cassados.

O Arcebispo de Brasília e Capelão Chefe das Forças Armadas, Dom José Newton de Almeida Batista, indiciado em um IPM e denunciado à Justiça comum, sem o menor respeito pela sua hierarquia – somente porque falou na Rádio Nacional de Brasília, no dia 31 de março, em defesa do Sr. João Goulart, lendo a Pastoral divulgada aos católicos no Domingo de Páscoa e na qual justificava a realização da reforma agrária.

As cartilhas do Movimento de Educação de Base (MEB), editadas pela Conferência dos Bispos do Nordeste, foi apreendida e o seu responsável, o Arcebispo de Aracaju, Dom Joaquim Távora, apontado como subversivo.

Dom Hélder Câmara, o mais popular dos prelados brasileiros, Arcebispo de Olinda e Recife, sofreu uma série de pressões e alguns dos seus padres, foram obrigados a “viajar” para o estrangeiro. O palácio do Arcebispado chegou a ser cercado e ameaçado de invasão.

O Administrador Apostólico de Natal e Salvador, Dom Eugênio Sales, teve o seu principal colaborador no sindicalismo rural, presidente da Federação dos Trabalhadores Rurais do Rio Grande do Norte, preso, e

posteriormente exilado, apesar dos seus protestos, que não foram levados em consideração.

Dom Vicente Scherer, de posições extremadas contra os esquerdistas, saiu a campo para combater os excessos dos “revolucionários”.

A Ação Católica, a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Universitária Católica (JUC) e outros órgãos ligados, direta ou indiretamente à igreja, mas, que se identificaram com as Encíclicas dos dois últimos Papas, principalmente *mater et magister*, sofreram tremenda discriminação e impiedosa perseguição. *Mater et magister*, chegou a ser apreendida pela polícia de Niterói.

Conventos foram invadidos, como o dos Dominicanos, em Minas Gerais.

O terrorismo intelectual, também, atingiu profundas áreas do cristianismo. Dezenas de professores universitários, sem o menor direito de defesa, foram expurgados de suas cátedras. Poderemos citar, além de muitos outros, os seguintes professores: Hernani Fiori, Ubaldo Pupp, Amaro Quintas, Antônio Baltar, Francisco Mangabeira, Plínio Arruda Sampaio, Cosme Alves, Iza Guerra, Marilda Trancoso, Margarida de Jesus Cortez, Luís Alberto, Paulo de Tarso, Paulo Freire, Moacyr de Góes, Anita Paes Barreto.

É do domínio público que as monjas do Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, de Belo Horizonte e as freiras do Hospital de Exército, em Recife, no auge dos espancamentos, intensificaram suas orações, rezando pela noite a dentro, pedindo a Deus a salvação dos presos torturados pelos carrascos dos IPMs.

O Cardeal de São Paulo e significativo número de Bispos, elevaram as suas vozes, não concordando com este deplorável estado de coisas.

O Padre Francisco Lage quase morreu à míngua, sem direito ao

menor tratamento médico, física e moralmente torturado, recolhido ao mais humilhante xadrez, aonde nunca deixou, todos os dias de rezar o ritual da Missa. E foi preciso uma mobilização nacional, com repercussão internacional, para, somente após mais de dez meses, ser transferido para uma casa de saúde militar, assim mesmo sem direito a receber a visita dos seus familiares e nem mesmo do Capelão Militar do Hospital.

Outro padre, Argemiro Pantoja Munhoz, vigário de Olaria, na Guanabara, ficou preso, incomunicável, largo período, nos cubículos do DOPS. O Padre (...), vigário de Ribeirão Preto, também esteve preso.

Os torturadores são passíveis de pena eclesiástica da excomunhão.

Aguardemos as vozes anunciadoras dos profetas...

O OPORTUNISMO DE CERTOS GOVERNADORES

As cômodas posições do oportunismo, nunca foram tão bem exploradas, como por ocasião do movimento de 1º de abril.

João Goulart tinha vindo de uma consagração popular, pelo voto soberano do povo, no episódio do plebiscito. Não existia, com exceção do governador Carlos Lacerda e alguns casos isolados, uma oposição frontal, definida e decidida, contra o presidente da República.

Vivia-se no regime da “corda bamba”. Todos os partidos exercitavam tranqüilamente, o chamado “tráfico de influências” e obtinham, nos ministérios, a liberação de suas verbas e a concessão dos seus empréstimos. Justiça se faça ao Sr. João Goulart: não havia perseguição, nem odiosas discriminações. Pelo contrário, os adversários tinham até maiores facilidades...

A UDN, quase toda, direta ou indiretamente, viu-se favorecida na administração João Goulart. A vida corria risonha e franca para o

udenismo.

Ademar de Barros, bancava o amuado, indicando ministros, tirando os maiores proveitos. Até o provinciano Nei Braga blefava e através da “democracia cristiana” ia obtendo recursos federais para o Paraná.

O PSD, nem se fala, concorria, palmo a palmo, com o PTB, obtendo nomeações, verbas e auxílios para os seus correligionários.

Três políticos disputavam o privilégio de influenciar, digamos mesmo tutelar, a administração do Sr. João Goulart, nos últimos meses de sua presença na presidência da República: Leonel Brizola, Amaral Peixoto e Magalhães Pinto.

Brizola oferecia o suporte popular, a pressão das massas sobre o Congresso, para que votasse as reformas de base, preconizadas pelo presidente.

Amaral Peixoto garantia a sólida maioria pessedista, dando ao presidente tranqüilidade na rotineira tramitação dos projetos de interesse do poder executivo, na Câmara e no Senado.

Magalhães Pinto era o trunfo político, a cabeça de ponte dentro da UDN, desarticulando o principal adversário, e assegurando o apoio compacto dos governadores numa revivescência dos métodos da República Velha.

O hábil Magalhães Pinto enfeitiçou Jango, levando-o a distanciar-se de Brizola e menosprezar Amaral Peixoto.

Magalhães ligou-se a Miguel Arraes, tentando interessá-lo em ser vice-presidente na sua chapa presidencial e para isto prestigiou as esquerdas. Minas, através dos deputados estaduais Clodomisth Riani e Sival Bamberira, e culminando com os episódios do Congresso de Camponeses e a reunião da CUTAL.

Seixas Doria, o humano e ingênuo governador de Sergipe, durante

algum tempo foi o seu arauto; Aloisio Alves, frio e calculista, era seu compadre; Petrônio Portela, Virgílio Távora, Pedro Gondim, Lomanto Junior, Newton Belo, além de outros, constituíam a sua massa de manobra, o caldo de cultura para as experiências políticas do governador mineiro nas suas idas e vindas ao Palácio do Planalto.

Lamentável que José Aparecido, inegavelmente uma das melhores expressões do Brasil atual, tenha sido o seu “pombo-correio”, principalmente nas ligações com Jânio e posteriormente com João Goulart, Darcy Ribeiro, Almino Afonso etc., para depois estes serem lançados às feras, sem que a velha raposa nada fizesse para salvá-los do listão dos cassados pela “revolução”.

O governador Magalhães Pinto jogou com paú-de-dois-bicos. Quem faz esta denúncia é o general Mourão Filho, um dos mais famosos boquirrotos da “revolução”, quando disse: “o Sr. Magalhães Pinto estava querendo trair a revolução como agora o deseja. Ele quer continuar desfrutando do poder, com a sua f (...).

Generalizando, Mourão Filho afirmou na mesma entrevista: “Muitos desses governadores que estão aí defendendo teses prorrogacionistas, antes lavavam os pés de Jango; agora lambem os pés de Castelo. São os eternos bajuladores interesseiros”. Estas afirmações são muito diretas em cima de Virgílio, Aloisio Alves, Paulo Guerra, Petrônio, Gondim, Newton Belo e Lomanto.

O governador do Rio Grande do Norte, Aloisio Alves, foi apontado pela “Tribuna d Imprensa”, do Rio, como o janguista-mór do Nordeste. A seu convite o Presidente esteve duas vezes no Estado e grandes cartazes, imensos painéis, apresentavam as fotografias de Jango e Aloisio, irmanados. O autor era prefeito de Natal e tinha dificuldade em aproximar-se de Jango, que ficava monopolizado pelo Governador... os discursos

pronunciados por ambos, eram de eterna e rica solidariedade. No dia 1º de abril, o Sr. Aloisio Alves, imprensado pelos acontecimentos, redigiu dois manifestos (o mesmo fizeram vários governadores), um a favor da “revolução” e o outro ao lado do amigo Jango. Destacou dois emissários: o deputado Aristofanes Fernandes, procuraria o Ministro da Justiça, Abelardo Jurema e o outro, deputado Grimaldi Ribeiro, iria ligar-se com Magalhães Pinto. Qualquer que fosse o resultado, estaria bem, ficaria de cima... o autor em várias oportunidades, quando dos interrogatórios dos IPMs, foi incitado para acusar o Governador do seu estado, sob a alegação de que o homem para estar ali em seu lugar, era o Sr. Aloisio Alves. Recusou-se, pois sabia estar depondo para a história e em todos os seus depoimentos, não delatou ninguém, assumindo, unicamente, a responsabilidade dos seus atos, apesar do terror existente.

Em um dos banquetes que o governador Aloisio Alves ofereceu ao presidente João Goulart, o autor sentou-se à mesa principal, tendo a sua esquerda o atual presidente Castelo Branco, destacado integrante da caravana janguista (fato documentado fotograficamente na época).

Paulo Guerra, vice-governador de Pernambuco, levantou a candidatura de Juscelino à presidência da República, na convenção nacional do PSD e foi o primeiro a telegrafar apoiando a cassação do mandato e dos direitos políticos do seu ex-candidato. Elegeu-se vice-governador na garupa de Arraes, a quem não se cansava de elogiar, mas foi impiedoso na perseguição ao seu ex-lider, quando assumiu, em nome da “revolução”, o governo de Pernambuco. É um típico representante do adesismo, do desfibramento.

Virgílio Távora, Ministro da Viação, no período do parlamentarismo, levou considerável parcela da UDN (hoje dogmaticamente revolucionária) a apoiar Jango, de quem era compadre. Exageradamente, Jango apadrinhou

dois filhos de Virgílio Távora. Este, tirou o máximo proveito do janguismo.

Lomanto Júnior jangava franco na Bahia. Preparou um manifesto de apoio a Jango, mas divulgou outro, apoiando a “revolução” vitoriosa...

Pedro Gondim neutralizava a UDN paraibana na luta contra Jango e é o deputado udenista Luís Bronzeado, quem afirmou haver o governador sido salvo da degola, por ingerência do Coronel Silvio Cahú, do exército, junto ao comandante do IV Exército, General Justino Alves.

Recordo que encontrei Newton Belo, governador de Maranhão, nas ruas do Recife, suado, esbaforido, correndo atrás da caravana de João Goulart, quando da última visita a Pernambuco, na tentativa de conseguir um lugarzinho no palanque.

No Maranhão, Neiva Moreira não obtinha nada, marcado pela bajulação de Newton Belo, pupilo do senador Vitorino Freire, grande mestre na arte de puxar-saco...

Petrônio Portela era um dos espadachins da equipe de Magalhães Pinto, no jogo solerte de tirar o máximo de vantagens da administração federal, em troca, fortalecendo as posições políticas do Sr. João Goulart. Tem a “hábil” orientação do senador José Cândido Ferraz.

Miguel Arraes (várias vezes debatemos esse assunto) não tinha o apoio de Jango, que preferia manobrar através do PTB e de uma ala do PSD, porque o governador de Pernambuco e o Prefeito de Natal, pelas suas posições nacionalistas, teriam de ser forçosamente aliados do Presidente da República.

Por isto Jango desprestigiava, até certo ponto, Arraes em Pernambuco e Maranhão no Rio Grande do Norte, buscando novos apoios em outras áreas. Basta verificar que nas indicações para os cargos de chefia dos órgãos federais nesses estados não prevaleciam as indicações

desses dois políticos.

Prometo, um dia, contar, tim-tim-por-tim-tim, a história dos governadores do Nordeste e as suas ligações não somente com o Sr. João Goulart, mas, também com o comando do IV Exército.

Esta história não pode ser contada, agora...

UM PARTIDO POLÍTICO PARA AS ESQUERDAS

Faltou às esquerda um Partido Político, um órgão centralizador, coordenando nacionalmente as atividades dispersas dos vários grupos que atuavam no cenário brasileiro.

Naturalmente que muitos indagarão porque o Partido Trabalhista ou o Partido Socialista, não poderia ter sido este instrumento.

Absolutamente não.

O Partido Trabalhista Brasileiro, é uma edição um pouco melhorada do Partido Social Democrático, ambos nascidos sob a inspiração de Getúlio Vargas.

O PTB tinha uma dose mínima de ideologia. Somente depois da Carta Testamento, é que o PTB começou a tomar uma certa coloração esquerdizante.

Sempre foi um órgão de conciliação, falando muito em Melhoria Social, Igualdade de Oportunidade, Aumento de nível e vida, Melhor distribuição da riqueza, Greve Pacífica, Baixa do Custo de Vida conciliando Capital e Trabalho. Quando entrava no campo da teoria, parecia mais um papel carbono da Sociedade Fabiana, procurando atingir progressivamente o socialismo, através da marcha dos séculos. Alberto Pasqualini foi uma exceção... Fernando Ferrari, um exemplo típico do reformismo trabalhista. O fechamento do Partido Comunista, levou considerável parcela do proletariado mais esclarecido para o PTB, elegendo

alguns representantes identificados com a classe operária, forçando determinados setores partidários a prestigiar movimentos grevistas e outros tipos de reivindicações de ação direta. O seu programa, não era, entretanto, de um partido socialista. Era integrado, inclusive, por elevando número de latifundiários e grandes industriais.

O Partido Socialista, ex-Esquerda Democrática, trouxe o vício de sua origem udenista e isto e nunca possibilitou-o identificar-se com as grandes camadas populares do Brasil.

Na oposição à Ditadura, um notável grupo de intelectuais, exacerbou-se de tal maneira, que não compreendeu a necessidade, frente à realidade política de apoiar o governo de Vargas, na hora em que ele se engajava na luta contra o inimigo comum, que era o nazi – fascismo.

Desaguaram todos na UDN, desfraldando os lenços brancos do Brigadeiro, formando uma ala ideológica, intitulado de Esquerda Democrática, que posteriormente transformou-se no atual Partido Socialista.

O Partido Socialista tem um programa que realmente preconiza a mudança das velhas estruturas econômicas e sociais. Transformou-se em um ser macrocéfalo. Cabeça grande demais e um corpo muito pequeno.

As melhores inteligências inclinaram-se para o Partido Socialista.

A massa, entretanto, nunca se deixou galvanizar pelas suas campanhas.

UM PARTIDO NACIONALISTA

O rápido crescimento das forças de esquerda, exigia a organização de um partido. A idéia do nacionalismo alastrou-se pelo Brasil inteiro, um sopro que chegava da África e da Ásia, anunciando o nascimento de

repúblicas nacionalistas no vasto mundo afro-asiático. Representava a própria revolução latino-americana, nos seus impulsos e recuos, que fizeram o nacionalismo aprofundar-se pelo Brasil adentro.

Várias tentativas foram feitas.

A Frente de Libertação Nacional foi uma delas e poderia ser inspirada nos moldes do movimento patrocinado por Lázaro Cárdenas, o estadista mexicano, base para a formação de um partido político no Brasil.

O governador Mauro Borges, após a reunião realizada no Palácio Tiradentes (presentes o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, os deputados federais Barbosa Lima Sobrinho, Hélio Ramos, Celso Brant, Fernando (...), intelectuais, estudantes, e um elevado número de pessoas), ficou como Secretário Geral, com a incumbência de estruturar a nova organização.⁶ Os entendimentos posteriores de Mauro Borges com o presidente João Goulart (...) também, os principais elementos da Frente, ligados ao ex-presidente fizeram com que o governador goiano se desinteressasse das tarefas que lhe haviam sido atribuídas. E a Frente de Libertação Nacional morreu no nascedouro.

Surge a Frente de Mobilização Nacional. Tinha o apoio de Brizola, já deputado federal pela Guanabara e Miguel Arraes, governador de Pernambuco. As suas principais bases de sustentação seriam a UNE, o CGT, a Ação Popular (AP) e a Frente Parlamentar Nacionalista.

Os primeiros desentendimentos começaram a surgir, quando se cogitou da Convenção Nacional e da indicação do presidente da entidade. Os brizolistas, através de Paulo Shilling, com a sua imensa capacidade de trabalho na secretaria executiva da entidade, tinham o controle do mecanismo, dominando o aparelho administrativo. Heron de Alencar, representando a (...), coordenava a outra facção. Era difícil um

⁶ O autor participou da reunião da fundação da FMN.

entendimento em torno de quem devia assumir a presidência: Brizola ou Arraes. E a Convenção Nacional nunca se fez.

O partido político, cuja denominação devia ser “Nacionalista”, interessava, vivamente, às várias correntes esquerdistas. Almino Afonso, Sérgio Magalhães, Neiva Moreira, Artur Lima Cavalcanti, José Jofily, entre outros, eram os seus principais articuladores. Arraes concordava. Mauro Borges já estava novamente no aconchego pessedista e encontrava-se à margem. Seixas Doria, tudo indicava, seria, juntamente com Adail Barreto e um setor da “bossa nova” udenista (...).

O impasse, desta vez, surgiu no Rio Grande do Sul. O poderoso núcleo do partido trabalhista gaúcho, que obedecia à orientação de Brizola, opunha-se à ida do seu líder para o partido nacionalista, porque isto enfraqueceria o reduto regional, na velha e intransigente luta contra os pessedistas de Perachi Barcelos. Sem a presença de Brizola, o partido ficaria descaracterizado, tendo em vista a brava e violenta campanha que ele havia deflagrado, empunhando a bandeira da luta anti-imperialista. E o assunto passou a ser cozinhado em banho-maria...

Aparece, então, o deputado Santiago Dantas, com a sua prodigiosa inteligência, empulhando os nacionalistas, com uma Frente Única, dividindo, sempre dividindo as esquerdas, em “negativas” e “positivas”. Estabelece um debate teórico, ao qual, além de outros setores, foi atraído o Partido Comunista, por intermédio de sua equipe de intelectuais. Muitos defendiam a tese de que a Frente Única, em termos de comparação, poderia se assemelhar a FRAP, Frente de Ação Popular, liderada no Chile pelo senador Salvador Allende, integrada pelos esquerdistas de todos os matizes.

Estes são os subsídios elementares para a história, quando algum dia tiver de ser escrito o motivo porque faltou às Esquerdas brasileiras, um partido político, para comandar a luta irreversível contra estrutura feudal,

ligada ao capital estrangeiro, controlador não somente do poder econômico, mas, também, do poder político. A luta do povo brasileiro, contra o anti-povo.

E O FUTURO?

Muito difícil qualquer prognóstico.

O Partido Socialista continuará pequeno, firme, aguerrido, mas, sem condições de preencher o imenso vazio existente na vida nacional e influir decisivamente nos destinos do país.

O PTB vai se digladiar em uma intensa batalha interna, com os bigorrilhos, espécie de borra partidária, tentando dominar a organização. Esta luta será de menores proporções, diante daquela que o ex-presidente Goulart terá de enfrentar, para readquirir o comando do PTB. Mas, mesmo sob comando de Jango, o trabalhismo não tem condições para dirigir o processo teórico da revolução brasileira. Liberte-se ou não do saudosismo, do revanchismo, do caudilhismo, de outras coisas mais, será sempre um agrupamento heterogêneo, um saco-de-gatos, difícil de tomar uma decisão lúcida, rápida, na hora precisa, o que o impossibilita de assumir a liderança de um grande e profundo movimento de âmbito nacional. Viverá o mesmo drama do peronismo, na Argentina dividido e subdividido.

A UDN continuará sendo o núcleo básico do governo, aglutinando os setores mais reacionários, defendendo os interesses dos mais vorazes grupos econômicos, interligados ao capital estrangeiro, procurando udenizar as forças armadas.

O Partido Social Democrático, aderindo e desaderindo ao governo, sobreviverá e como em matéria política não tem o menor escrúpulo, influirá decisivamente em qualquer quadro político que surja no tabuleiro de xadrez eleitoral do país.

Jânio Quadros ainda é um fenômeno, mais em franco declínio, enquanto Ademar de Barros entra em decomposição.

A “revolução” de 1º de abril encontra-se em um acelerado processo

de esfacelamento, de desintegração principalmente devido aos tremendos erros de sua política econômica, com a inflação matando o povo de fome e por isto não terá forças para se opor, oportunamente, à organização de um partido, aglutinando as chamadas forças nacionalista brasileiras.

Sofrerá as mais estranhas influências, pressões de todos os tipos, advogadas das mais diferentes áreas, interessadas em nossa transformação estrutural, tudo agravado pelo colapso econômico e pelos desentendimentos no complexo militar.

A unidade na esfera civil dos elementos participantes do golpe de 1° de Abril, nunca houve. Agora, a divisão torna-se evidente também na área militar. Podendo sofrer modificações no decorrer dos acontecimentos, que sucede com mais rapidez do que se previa, estão caracterizados os seguintes grupos, que se formaram na base das contradições existentes entre as forças que eventualmente se uniram para depor o Sr. João Goulart.

1° Grupo: Presidente Castelo Branco, general Cordeiro de Farias, general Golbery Couto, general Ernesto Geisel, os Governadores continuistas, alguns generais e coronéis da Escola Superior de Guerra, o chamado grupo da Sorbone, cuja principal figura é o general Jurandir Mamede. O líder civil é o governador de Minas Gerais Magalhães Pinto. O que caracteriza principalmente este grupo é a posição frontalmente contrária à realização de eleições. Tem, também, a cobertura das lideranças udenistas, Bilac Pinto, Daniel Kliger, os Bigorrilhos do PTB e os Camaleões do PSD.

2° Grupo: Almirante Silvio Heck, Marechal Odilio Denys, General Mena Barreto, Generais e Oficiais da “Linha Dura”, os “nacionalistas-reacionários” da LIDER (Liga Democrática Radical). O líder civil é o governador Carlos Lacerda. É o grupo que está obtendo maiores penetrações, devido às posições nacionalistas, apesar de caracterizadamente

direitistas, que veem tomando. É pró eleições.

3º Grupo: Ministro da Guerra Costa e Silva, general Amauri Kruel, General Mourão Filho, Gerais e Oficiais com espírito legalista. O líder civil é o governador Ademar de Barros. Pró-eleições. Este grupo altera muito as suas opiniões. São boquirrôtos. Têm ponderável apoio dos meios empresariais, das chamadas Classes Produtoras, temerosas de uma ditadura, seja de esquerda ou de direita.

A RETA FINAL

O denominador comum, aglutinando as mais expressivas correntes de opinião, para enfrentar com êxito a crise brasileira, continua sendo o programa das reformas de base. É a chamada geral, o toque de reunir.

Para comandar, eficientemente, uma massa de oitenta milhões de brasileiros, terrivelmente impacientes e decepcionados com as velhas e já carcomidas estruturas, torna-se necessária a união de todos os patriotas.

O inimigo comum é a fome. É preciso acabar com a inflação.

Basta de tanto ódio. Chega de tantas perseguições.

2. ASPECTOS DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE NATAL

SECRETARIADO DE ALTO GABARITO

Se houver algum mérito em nosso trabalho, foi o da escolha de bons auxiliares. Somos daqueles que não acreditam nos super-homens. Vivemos no século do homem comum. Todo trabalho tem de ser um trabalho de equipe, sem estrelismo e sem carismatismo.

Esta foi a equipe de trabalho prático e teórico.

Todos honestos, fazendo da honestidade uma mística.

- **Engenheiro Wilson Miranda – Secretário de Viação e Obras –** Professor da escola de Engenharia. Ex-prefeito de Natal. Ex-presidente do Clube de Engenharia. Politicamente ligado ao Partido Social Democrático.
- **Professor Moacyr de Góes - Secretário de Educação, Cultura e Saúde -** professor da Faculdade de Filosofia. Membro do Conselho Estadual de Educação e Cultura. Líder católico. Sem vinculação partidária.
- **Bacharel Ernani Silveira – Secretário de Desenvolvimento, Justiça e Comércio –** professor da Faculdade de Ciências Econômicas – Altamente prestigiado nos círculos empresariais e desportivos. Ligado ao Partido Democrata Cristão.
- **Bacharel Roberto Furtado – Secretário de Finanças -** Professor do Curso de Oficiais da Polícia Militar . Ex-promotor público, bastante conceituado na esfera jurídica. Pertencente a uma família tradicionalmente ligada ao ex-presidente Café Filho.

Chefia do Gabinete do prefeito, transformada posteriormente em

Casa Civil. Inicialmente dirigida pelo Dr. Ticiano Duarte, advogado e jornalista, que depois foi integrar o Secretariado do governador Aluisio Alves. Seu substituto, o economista Olavo Galvão, ex-prefeito de Natal, ex-presidente da Câmara Municipal, ex-deputado, ex-presidente da Associação Comercial, ex-presidente do Banco do Nordeste. Na subchefia estava o Dr. Natánias Von Shosten, concursado pela CEPAL, que deixou o cargo para ir trabalhar na SUDENE. O secretário particular era o jornalista Paulo Macedo, cronista dos rádios e diários associados.

O setor de Saúde Pública, dirigido pelo professor Heriberto Bezerra, possuidor de um nome internacional nos altos conselhos do Rotary Club, contava com uma equipe de médicos, dentre os quais podemos destacar Cleanto Noronha, diretor do Hospital da Clínicas, Leide de Moraes, diretor da Maternidade Januário Cico e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia.

No campo da educação – ensino médio – Ginásial, Colegial, Normal e Técnico Comercial, estavam engajados os melhores elementos do magistério natalense, nomeados sem preocupação política e percebendo Salário - Aula superior aos pagos nos estabelecimentos particulares e estaduais. O Ginásio Municipal foi considerado como modelo, no enquadramento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Wilson Miranda, termômetro altamente positivo. Nunca falhou, porque em matemática, dois e dois sempre são quatro. O poderoso alicerce onde repousou, tranqüila, toda a configuração técnica, na base do ferro e do cimento ou estrutura metálica.

Moacyr de Goes, jovem mestre que uma velha e ultrapassada geração teima em não abrir alas para vê-lo passar, defendendo vitoriosamente a tese da Escola Nova, que a realidade brasileira exige.

Era a nossa Estrela de Belém, o mais puro intérprete da humana mensagem de João XXIII, Cristianizou nossa Campanha de Alfabetização, porque de Pé no Chão também se Aprende a Ler.

Ernani Silveira, vocação administrativa da atual geração do Rio Grande do Norte. No trabalho tem a força impetuosa das águas rolantes e entusiasmo contagiante. Extraordinária capacidade de realização de objetivos práticos.

Roberto Furtado, o pulso forte que criou condições econômicas para a execução de todos os planos administrativos. Incorrupível, fez com que todos saíssemos da Prefeitura de cabeça erguida, de mãos limpas. Não houve subterfúgio que conseguisse colocar uma mancha no pulmão sadio das finanças municipais.

Wilson, a experiência. Ernani, o dínamo. Moacyr, o cérebro. Roberto, oráculo das finanças.

Esta foi a equipe que conseguiu o milagre de fazer muito com pouco dinheiro, com a ajuda eficiente e dedicada dos seguintes colaboradores:

José Maria Fonseca, Raimundo Gomes, Ari da Cunha Lima, Antomar Ferreira de Souza, Helmuth Hacrachdt, João Santana, José Ribamar, Carlos Lima, Manoel Pereira, Campos, Barroso, Lourival, Judemberg, Felício Vaz, Calife, Cláudio Siminéia, Augusto de Souza, José Edson, Rabelo, Aguinaldo Ferreira, Wilson, Matos, Oliveira, Eider, Valdir, Nestor Marinho, Marcelo Fernandes, Humberto Magalhães, Landim, Pacheco, Omar Pimenta, Newton Navarro, Érico de Souza Hacradht, Leon, Hermógenes, Herly, Herculano, Xavier, Chagas, Benedito, Guilherme, Bulcão, Elias, Adão, Dante, Maurício, Maia, Gurgel, Salatiel, Cabral, Medeiros, Lauro, José Gomes, Abel, Luis Raimundo, Antero, Rockfeller, Francisco Dantas e finalmente com a desculpa de alguns nomes que a memória não recordou, Carmita,

Helena, Margarida. Olindina, Clivia, Nauda, Mailde, Diva, Clara e Valdete, pelo elemento feminino.

A história nos julgará.

É muito difícil apagar no coração do povo a marca de amor e trabalho que deixamos enraizada.

REALIZAR E NÃO ROUBAR

Com tão poderoso suporte foi possível atingir os objetivos que a cidade conhece.

Com recursos **EXCLUSIVAMENTE** do erário municipal, sem auxílios internos ou externos e sem onerar as futuras administrações com empréstimos construímos e inauguramos:

Palácio dos Esportes (o maior ginásio coberto do Norte-Nordeste), estação rodoviária, centro comercial das Rocas, Lavanderia modelo das Quintas, galeria de arte, concha acústica, bibliotecas populares, mercado de lagoa Seca, conjunto de casas populares, telefones públicos, fontes luminosas, parques infantis, chafarizes, abrigos pra passageiros nas paradas de ônibus e quadras de esportes em **TODOS** os bairros. Iniciamos a era do asfalto e iluminação a mercúrio no centro da cidade. Fizemos o levantamento aerofotogramétrico para a confecção de cadastro fiscal da prefeitura.

Em convênio com o Ministério da Educação, construímos os prédios do Ginásio Municipal, da Escola de Comércio e do Centro de Formação de Professores e dois centros educacionais, nas Rocas e nas Quintas. Fizemos, também, a campanha a “Escola Brasileira com Dinheiro Brasileiro”, inaugurando, semanalmente, uma escola, que irritou, profundamente, os áulicos da Aliança para o Progresso.

Com a colaboração do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, estávamos concluindo duas grandes galerias para águas pluviais e com a SUDENE e DNER, levando adiante uma das obras do século para os natalenses, que é a rodovia do Contorno, também chamado de anel rodoviário de Natal.

Deixamos parte do material para as maternidades populares, palácio da cultura e fórum de Natal, iniciados os dois últimos. Iniciado, também, o Estádio olímpico.

Pavimentamos a paralelepípedos, mais de cento e vinte (120) ruas e foram feitas “estradas de barro” nos subúrbios distantes e na zona rural.

Outro crime. E estes imperdoável... TRABALHAR E NÃO ROUBAR.

Várias devassas foram feitas e nada encontraram que desabonasse a nossa administração.

Ficaram em cofre, aproximadamente cem (100) milhões de cruzeiros, o funcionalismo rigorosamente em dia e um plano administrativo muito difícil de ser superado. O crédito superior ao débito, isto é, mais dinheiro para receber do que a pagar.

Os ladrões estão soltos. Triste exemplo para as gerações futuras.

Muita gente terá vergonha e medo de ser honesta...

PRESTANDO CONTAS AO POVO

O documento abaixo transcrito, era uma das Circulares que periodicamente entregávamos aos contribuintes, na oportunidade em que pagavam os seus impostos.

Prezado Senhor

Os dinheiros arrecadados do povo por meio dos impostos deve reverter a esse mesmo povo como benefícios e melhoramentos de uso comum.

V.S.^a como contribuinte da Fazenda Municipal tem o direito de saber o destino dado ao seu dinheiro, acompanhando a demonstração do movimento econômico-financeiro da Prefeitura.

Os tributos que V.S.^a pagou à Fazenda Municipal estão ai:

A LEI ORÇAMENTÁRIA PARA O EXERCÍCIO DE 1962 foi aprovada DEFICITÁRIA, apresentando as seguintes cifras:

| | |
|-----------------------|----------------------------|
| Receita prevista..... | Cr\$ 270.103.000,00 |
| Despesa fixada..... | Cr\$ <u>330.896.650,00</u> |
| DÉFICIT previsto..... | Cr\$ 60.793.650,00 |

A EXECUÇÃO , entretanto, MODIFICOU O PANORAMA INICIAL para concluir com os seguintes resultados:

| | |
|---------------------------|----------------------------|
| Receita prevista..... | Cr\$ 270.103.000,00 |
| Receita arrecadada..... | Cr\$ <u>370.429.074,60</u> |
| Diferença para MAIOR..... | Cr\$ 100.326.074,60 |

| | |
|---------------------------|----------------------------|
| Despesa fixada..... | Cr\$ 330.896.650,00 |
| Despesa efetuada..... | Cr\$ <u>339.075.856,90</u> |
| Diferença para MAIOR..... | Cr\$ 8.179.206,90 |

TOMADOS OS RESULTADOS EXTRA-ORÇAMENTÁRIOS, acresça-se

os seguintes valores:

| | |
|-------------------------|---------------------------|
| Receita | Cr\$ 36.887.985,10 |
| Despesa..... | Cr\$ <u>66.238.257,00</u> |
| Despesa para MAIOR..... | Cr\$ 29.350.271,90 |

COM OS DEMONSTRATIVOS ACIMA, CONCLUI-SE O SEGUINTE RESULTADO GERAL:

| | |
|-------------------------|----------------------------|
| Receita arrecadada..... | Cr\$ 407.317.059,70 |
| DESPESA EFETUADA..... | Cr\$ <u>405.314.113,90</u> |
| SUPERAVIT..... | Cr\$ 2.002.945,80 |

O BALANÇO GERAL, encerrado em 29 de dezembro de 1962, apresentou a seguinte situação:

| | |
|-----------------------------------|----------------------------|
| ATIVO FINANCEIRO, DISPONÍVEL..... | Cr\$ 26.907.603,20 |
| ATIVO PERMANENTE..... | Cr\$ <u>124.920.681,70</u> |
| ATIVO TOTAL..... | Cr\$ 151.828.284,90 |
| O PASSIVO TOTAL..... | Cr\$ 59.761.009,20 |
| O PATRIMÔNIO LÍQUIDO..... | Cr\$ <u>92.067.275,70</u> |

Esta situação patrimonial a par da situação FINANCEIRA jamais foi alcançada na Prefeitura de Natal, em quaisquer épocas, ainda que tomada em números relativos.

O SUPERAVIT obtido demonstrou que a política financeira adotada teve êxito inconsteste.

O ATIVO PERMANENTE foi apropriado pelos valores históricos dos seus elementos.

Convém ressaltar que na formulação da DESPESA EFETUADA no

exercício de 1962, concorreram as obras seguintes:

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, no Baldo, já em funcionamento.

GALERIA DE ARTE, na Praça André de Albuquerque, já concluída.

MERCADO DAS ROCAS, já com sua construção em fase de cobertura.

ESTAÇÃO RODOVIÁRIA, na Ribeira, com as fundações, colunas, e placas do primeiro andar, alvenaria de tijolos na parte térrea prontas.

PALÁCIO DOS ESPORTES, na praça Pedro Velho, com fundações e estrutura metálica concluídas.

ILUMINAÇÃO A VAPOR DE MERCÚRIO E FLUORESCENTES, nas ruas João Pessoa, Ulisses Caldas e Avenida Rio Branco.

ASFALTAMENTO das artérias principais.

EQUIPAMENTOS MECÂNICOS.

GALERIAS PLUVIAIS na Avenida Afonso Pena, Lagoa Seca e Baldo.

DUAS BIBLIOTECAS POPULARES

Restauração de Praças Públicas, construções de 11 Quadras de Esporte e 10 Parques Infantis.

E as obras prosseguem, sem solução de continuidade, dentro do plano do Governo adotado para o corrente exercício.

A FAZENDA PÚBLICA REPRESENTA UM BEM COMUM e por isso sentimos o DEVER DE PRESTAR CONTAS AO POVO.

Natal, abril de 1963.

Djalma Maranhão

PREFEITO

Roberto Brandão Furtado

Secretário das Finanças

Olavo João Galvão

Supervisor Geral da Sec. de Finanças

3. MANIFESTOS

PALAVRAS AO POVO

**Rio de Janeiro, novembro de 1964.
(Publicado pelo Correio da Manhã)**

Depois de oito longos meses de cárcere, nos presídios de Natal, Fernando de Noronha e Recife, fui libertado por “habeas-corpus” concedido pelo Supremo Tribunal Federal. Resolvi, no entanto, procurar asilo político na Embaixada do Uruguai e, deste gesto, sinto-me na obrigação de prestar aos brasileiros, particularmente aos nordestinos e aos meus conterrâneos do Rio Grande do Norte, os seguintes esclarecimentos:

- I. Não creio na validade de um habeas-corpus neste momento da vida brasileira em que a ordem jurídica é vilipendiada e destruída diariamente; os casos Seixas Dória e Astrogildo Pereira para citar apenas os mais recentes, comprovam sobejamente essa interpretação;
- II. Meu estado de saúde exige tratamento imediato, sendo impossível fazê-lo no clima de apreensão em que vive o país. Duas vezes, dado o clima de terror em que estamos mergulhados, minha morte foi anunciada pela imprensa. Perdi vinte e cinco quilos de peso. Em Natal fui internado no Hospital da Polícia Militar e, antes de concluir o tratamento, levado para Fernando de Noronha, de onde posteriormente, fui

mandado para o Hospital do Exército no Recife, visto que receavam o escândalo do meu falecimento na Ilha.

Ultimamente estava detido no Regimento Guararapes na capital pernambucana. Vou para o exterior, também, na tentativa de recuperar a saúde.

- III. Além do mais, com os direitos cassados, demitido do emprego e sem condições de trabalho, são mínimas as possibilidades de tentar aqui o tratamento de que necessito. Confio em que minha ausência será de pouco tempo.
- IV. O governo está totalmente submetido ao imperialismo: agrava-se dia-a-dia a crise econômico-financeira; a inflação toma proporções imprevisíveis, e já nos encontramos às vésperas daquilo que Jânio Quadros classificava como a “revolução do orçamento doméstico”. O general Fome está nas ruas, nos campos, nas fábricas, nas escolas, nas repartições públicas e muito em breve nos quartéis, absorvendo o aumento de vencimentos dado aos militares. Este governo ilegal, arbitrário e inimigo do povo não terá meios para travar a batalha decisiva.

Garanto, porém, que ante o espectro da fome nenhum povo permanece de braços cruzados. A história o demonstra. Até breve, meus irmãos!”

Mensagem ao Povo Brasileiro

Montevidéu, julho 1965.

“Prefeito de Natal, em dois mandatos, deputado Federal e Estadual, honrei a confiança popular. Realizei uma gestão administrativa voltada para o bem do povo e a cidade de Natal é testemunha de meu trabalho e do meu devotamento.

Fui deposto porque luto contra aqueles que submetem os interesses econômicos do Brasil a voragem insaciável dos grupos estrangeiros, responsáveis diretos pela inflação e conseqüentemente pelo estado de miséria em que vive a maioria do nosso povo. Defendi a reforma agrária e a limitação da remessa de lucros dos trustes para o exterior. É o destino histórico de descender de Jerônimo de Albuquerque Maranhão, fundador da minha cidade e que na guerra para a expulsão dos franceses foi o primeiro brasileiro nato a exercer o comando de general. General nacionalista.

Meu crime maior foi alfabetizar vinte e cinco mil crianças, na primeira campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, reconhecida pelo UNESCO como válida para as regiões subdesenvolvidas do mundo, num país de humilhante maioria de analfabetos e lutar para dar ao povo acesso às fontes do saber, no plano de democratização da cultura.

De fazer feira de Livros, de construir uma galeria de arte e estimular o teatro do povo. De restaurar e promover a revalorização dos autos folclóricos. De abrir bibliotecas populares que estabeleceram recordes nacionais de empréstimos de livros, numa cidade que não tinha nenhuma biblioteca pública.

Fiquei ao lado da Constituição e da Lei e mantive solidariedade ao

Presidente João Goulart quando irrompeu o movimento sedicioso que subverteu as instituições do país.

Fui traído pelo Comandante da Guarnição de Natal, Coronel Mendonça Lima que me assegurou lealdade ao Presidente da República e que, se bandeando para o golpe, após mandar invadir a Prefeitura com forças militares, convocou-me ao quartel-general oferecendo-me a liberdade em troca da minha renúncia. Recusei em nome de minha honra e de respeito ao povo que me conferira o mandato por mim desempenhado.

Preso, fui entregue ao IPM dirigido pelo Capitão Ênio de Lacerda. Este, com técnicas de Gestapo de Hitler, devassou a Prefeitura, Sindicatos, Estrada de Ferro, Correios e Telégrafos, e Diretórios Estudantis, prendendo dezenas de pessoas e chegando a torturar presos políticos. Enodoava assim o exército de Caxias do qual enverguei a gloriosa farda, marchando em São Paulo nas lutas de 1932, nos anos de minha juventude.

Fui preso em cela exígua com sentinela de fuzil embalado à vista. Permaneci vários meses, sendo transferido para estabelecimentos militares em Natal, Fernando de Noronha e Recife. Nos vários inquéritos a que fui submetido, reafirmei a convicção de meus ideais a favor da soberania econômica do Brasil, assumindo total responsabilidade por todos os atos realizados no governo do município.

Libertado por decisão memorável do Suprem Tribunal Federal dirigi-me ao Rio de Janeiro e publiquei no Correio da Manhã manifesto ao povo brasileiro, onde denunciei o golpe, reafirmando minha fé na Democracia e no destino do Brasil.

Demitido do meu lugar efetivo de Diretor do Departamento de Documentação e Cultura, por ato de Aloisio Alves, Governador a quem ajudei a eleger, entregando-lhe a votação de Natal, e sem garantias, numa fase de arbítrio, exilei-me no Uruguai.

Recuo no tempo e vejo Juvenal Lamartine em 1930, deposto do cargo de Governador do Rio Grande do Norte, abrigando-se na Embaixada francesa e depois exilando-se no solo da grande França. Em 1937 João Café Filho, o vitorioso de 1930, tem o seu mandato extinto pelo Estado Novo, asilando-se na Argentina. Através do processo de redemocratização – porque as ditaduras não são eternas – Juvenal Lamartine e Café Filho retornaram à vida pública e aos braços do povo norte-rio-grandense, voltando a exercer poderosas lideranças políticas.

Agradeço, sensibilizado, à Igreja Católica na pessoa de D. Eugênio Sales que procurou visitar-me, não o conseguindo em virtude de minha prisão ser incomunicável, no primeiro mês. Viajando para Roma para participar do Concílio Ecumênico, enviou dois sacerdotes à minha residência para confortar minha família. Posteriormente recebi as visitas do Monsenhor Alair Vilar, Vigário Geral da Arquidiocese e dos Padres Luís Wanderley, Eimar Léraistre, Costa, Tenório e Rui Miranda.

Repito aqui trechos de Mensagem de Natal e Ano Novo que recebi de Monsenhor Alair Vilar: “a Igreja de hoje, mais do que nunca, é a Igreja dos Pobres, na sábia afirmação de João XXIII, com mais fome e sede de Justiça. O desespero e o desabafo dos humildes, em busca de Pão e Paz acham, sempre o que procuram, guarida sob a Cruz em que se encontra o corpo lacerado de CRISTO.

Breve seguirei para o exílio no Uruguai na tentativa de recupera a saúde. Peço que a Igreja olhe, também por minha família que fica na pátria aguardando meu regresso.

Agradeço ao Rotary, ao Lyons e demais instituições liberais, às classe empresariais, magistratura e ao magistério; à imprensa e aos desportistas, pelos créditos de confiança tantas vezes concedidas à minha administração.

Guardo o conforto das lições que a maçonaria transmitiu ao meu pai – e que ele plantou na minha formação – uma instituição que se torna mais humana, na medida em que mais se solidariza com a dor universal. Nesta hora os Pedreiros Livres não me faltaram com a sua solidariedade.

Aos escoteiros, meus irmãos, mando o meu “Sempre Alerta”. A semente da (...) renasce todos os dias no coração da juventude.

Relembro que a Prefeitura de Natal e a Universidade do Rio Grande do Norte, somaram forças em benefício do povo e se identificaram pela simbologia da honestidade, da honesta aplicação de suas verbas. No campo intelectual a Universidade é a marca mais forte que ficará gravada no tempo e o Reitor Onofre Lopes é o denominador comum e dínamo deste empreendimento.

Levo a minha palavra de confiança, particularmente, aos brasileiros do Rio Grande do Norte, aos de minha querida cidade de Natal, da qual fui prefeito duas vezes e tive a honra de representar meu povo no parlamento.

Ao Supremo Tribunal Federal, ao deputado Carvalho Neto, meu advogado, e ao Senador Dinarte Mariz, que hospedou meu filho em Brasília e minha esposa no Rio de Janeiro, dando apoio moral, o meu agradecimento.

(...) da minha terra, (...) que recentemente de inspiração e na força criadora dos seus intelectuais na pessoa do presidente da Academia de Letras, Manoel Rodrigues de Melo, destacando a coragem cívica do Desembargador João Maria Furtado.

Dirijo-me aos operários e recordo, permanentemente agradecido, que minha candidatura a prefeito foi lançada em manifesto subscrito por todos os Sindicatos de Natal.

Dirijo-me aos estudantes e relembro que nas horas cruciais contei com a solidariedade unânime dos seus diretórios.

Reverencio a velhos, sol poente de uma geração e dirijo-me às crianças, sol nascente das madrugadas, neste manifesto, que poderá ser também um testamento.

Caso venha a morrer no exílio, peço que meu corpo seja transportado para Natal. O caixão coberto com a bandeira da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, e que, na hora em que o corpo baixar à sepultura, as crianças de minha cidade, que se alfabetizarem nos Acampamentos Escolares cobertos de palhas de coqueiro, cantem nosso Hino, o Hino de Pé no Chão.

Companheiros, meus irmãos: mesmo distante continuo presente na cidade. O vento trará minhas palavras e cada alvorada recordará a claridade da minha luta, permanentemente lembrada pelo coração do povo.

4. A POESIA É NECESSÁRIA

EVOCACÃO DE NATAL

NATAL, encruzilhada do Mundo.

O ponto mais avançado da América,

No caminho da Europa, pelo roteiro da África.

Olhando de frente e desafiando o mar.

É um duelo de gigantes,

Em que um povo imbatível, abrindo o áspero caminho do seu futuro,

Desafia o destino, a própria natureza.

Não te esquecerei, Natal!

Os olhos do sol transpondo as dunas.

Iluminando a cidade,

Que dormiu embalada

Pelo sussurro das águas de Potengi.

Jerônimo o que plantou o marco de tua fundação.

Poti o teu guerreiro nativista,

Que nasceu ali em Igapó, antiga Aldeia Velha.

Brasil Colônia. Brasil Império.

Pedro Velho teu grande chefe republicano.

Não te esquecerei, Natal!

Nas asas dos pássaros metálicos,

Foste o Trampolim da Vitória,

Na guerra dos povos contra o fascismo.
Teus céus foram cruzados,
Pela primeira vez, no Brasil,
Nas travessias transoceânicas,
Por Gago Coutinho e Sacadura Cabral,
Mermoz e Saint-exuperry, Ferrarini e Del Prete.
Portugueses, franceses e italianos.
O Graf Zeppelin lançando um coroa de flores
Sobre a estátua de Augusto Severo.
E a epopéia verde-amarela do jaú de Ribeiro de Barros.
Teu aéro clube fez obra de pioneirismo,
Na história brasileira da aviação civil.

Não te esquecerei Natal!
No lirismo dos teus poetas.
O quase bárbaro Itajubá
E o quase gênio Otoniel
E também o alucinado Milton Siqueira.
Jorge Fernandes esbanjando poesia
Na mesa de um bar,
Era a imagem viva de um Verlaine.
A projeção dos teus intelectuais,
Que tem em Câmara Cascudo,
Um nome regional com ressonância internacional.
A tradição literária dos Wanderley.
Revivendo a tua boemia.
O saxofone de Tibiro.
Os violões de Heronides, Macrino, os irmãos Lucas.

Tuas modinhas – “Praeira dos Meus Amores”
Deolindo, Cavalcanti, Grande Carlos Siqueira.
Tuas serenatas e Evaristo de Souza,
O teu último grande boêmio.

Não te esquecerei, Natal!
A vocação libertária do teu povo.
A pregação caudilhesca de Zé da Penha.
Os teus políticos enganando o povo,
Mas, que um dia ganhará conscientização.
Os teus médicos humanitários:
Antunes, Luis Antonio, José Ivo, Januário.
E Luis Soares, monumento cívico,
Em carne e osso...
Silvio Tavares tocando requinta na banda dos escoteiros.
Alba Garcia, tua primeira Miss.
E Café Filho, no mastro da Presidencial da República,
Pousando de estadista.

Não te esquecerei, Natal!
Na tradição de tua igreja.
A humildade de João Maria.
E a bondade de monsenhor Pegado.
A cultura do Padre Monte
E os sermões de Luis Wanderley
E também os ingênuos poemas de Dom Marcolino.
Anoto para o futuro as lutas de hoje
Dos jovens sacerdotes,

Plasmados por Dom Eugênio e Dom Nivaldo,
Para os duros embates sociais,
Na fidelidade das encíclicas de João XXIII
Herdeiros do sacrifício de Frei Miguelinho.

Não te esquecerei, Natal!
Os grão-mestres de tua maçonaria,
Fazendo o bem, sem perguntar a quem..
Na escuridão sublime do anonimato.
Os teus pastores protestantes,
Evangelizando sem tempo para tomar fôlego,
As minhas queridas áreas suburbanas.
Os Centros Espíritas,
Fazendo da doutrina de Kardec,
Uma ciência para aliviar as dores do próximo.
Mas, também, não posso, esquecer
Os Pai-de -Terreiros, meus amigos,
Na pureza de suas ignorâncias.

Não te esquecerei, Natal!
As tuas jornadas de folclore,
Com Veríssimo e Moacyr de Goés
E o “Papa” Cascudinho,
Moreira, Mailde, Roberto, Omar, Nisia.
O Mateus do Boi Calemba
E o Rei Cariongo dos Congos.
A Diana do “cordão azul”.
Lapinhas e pastoril.

Que recordam Gotardo e Felinto Manso.
Dr. Ivo marcando em francês
Uma ‘quadrilha’ na Véspera de São João.
Vendo renascer no Ararunas,
As danças antigas e semi – desaparecidas,
No compasso de mestre Cornelio e Dona Chiquinha.
O “rema que rema” do Fandango
E o fardão Vermelho dos mouros da Chegança.
O Velho Calixto comandando o Babelô
E a turma formando o côco-de-roda,
Dando umbigada, sapateando,
No ballet rústico dos antigos escravos.

Não te esquecerei, Natal!

O pregão onomatopático de tua vendedora de ervas:
“Juá, Jucá, Muçambê, cabeça de negro, batata de purga”.
As esquisitices de Joca Lira e Miguel Leandro.
Os teus “faroleiros” de memoráveis histórias:
Coronel Quincó, Arari Brito, Luiz Tavares.
A caixa Rural de Ulisses de Gois,
O “City Bank” de tua classe média.
E a rinha de galos de Jorge Elísio.
A parteira dona Adelaide, minha madrinha,
Que viu nascer milhares de natalenses,
Antes da instituição da Maternidade hospitalar.

Não te esquecerei, Natal!

A tua jovem Universidade,

Herdeira das tradições do velho Ateneu:
João Tibúrcio, Torres, Celestino,
Severino Bezerra, Clementino, seu Emídio.
A tua Escola Doméstica
Iniciativa inesquecível de Henrique Castriciano.
Centro altamente refinado de ensino.
E a campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler
Ferramenta indestrutível de uma geração
Que teima, deseja e atingirá
As fontes do saber e da cultura
Quando um dia o ensino não for privilégio

Não te esquecerei, Natal!
A Ribeira subindo em direção à cidade.
Os teus primeiros bairros: Rocas e Alecrim.
O Grande Ponto dos dias de hoje,
Convergência de todos os encontros
E foco de todos os boatos.
Os bairros novos:
Tirol, Petrópolis, Quintas, Conceição,
Lagôa Sêca, Juruá, Guarita, Carrasco,
(Que aqui em Montevideo aonde estou exilado,
é nome de uma praia chic)
e como estamos falando em praia,
vem a saudade de Ponta Negra e Redinha,
Areia Preta, do Meio e Circular.

Não te esquecerei, Natal!

Levas de flagelados, tangidos pela seca,
Semi mortos de fome, pedindo comida pelo amor de Deus.
A taxa de mortalidade infantil de tuas crianças, a mais alta do mundo.
E também recorro os matutos endinheirados,
Viajando pelos trens da Central e da Great Western,
Com suas botinas marca “Bostook”, rangideiras,
Fazendo compras na Rua Dr. Barata.

Teus cangaceiros de gravata,
Cujos nomes não é conveniente lembrar,
Mas que merecem um estudo sociológico.
Marginais e valentões do teu sub – mundo:
Os Quilitanos, Cuscus, King Kong.

Não te esquecerei, Natal!
O austero Forte dos Reis Magos,
Com os Velhos canhões de fogo morto.
A fonte metálica de Igapó.
E a alegre pensão de Maria Boa,
Aonde uma geração se iniciou nos segredos do amor.
A Peixada da Comadre, no Canto do Mangue
E a Caranguejada de Arnaldo.
A feira do Alecrim e o seu Clube do Sarapatel.
Os cegos tocando viola.
A carne assada do Lira e do Marinho.
Batidas de Maracujá nas baiúcas da Quarentena.
Cerveja bem geladinha no Carneirinho de Ouro
E o café sempre requentado do Bar da Quitandinha.

Os aperitivos no Magestic,
(Aonde Oliveira Júnior tinha uma garrafa “cativa”)
Traço de união de três gerações,
Esquina com o Royal Cinema,
Que o progresso da cidade engoliu,
Mas, imortalizado na valsa de Tonheca Dantas,
O Strauss papa – jerimun.

Não te esquecerei, Natal!
A velha Simôa,
Mais imoral que uma antologia de Bocage.
Chico Santeiro, o Aleijadinho potiguar,
Esculpindo os seus bonecos de madeira,
Com a ponta de um canivete.
ABC e América, na guerra santa do futebol,
Deixando Farache fanatizado,
Arrancando os botões do jaquetão.
O duelo esportivo – feminino entre o Centro e AFA.
Comerciantes que o tempo levou:
Seu Melo, Lagreca, Coriolano, Santos, Fortunato,
Viana, Ismael Pereira, Machado, Santos, Galvão, Aureliano.
Os teus novos ricos do após guerra.
Os aficcionados no pocker do Natal Clube;
Sandoval Capistrano, Augusto de Souza, Teodorico
E o meu xará Djalma Marinho.
O Apito de tua primeira fábrica de tecidos.
E o Esquadrão de Cavalaria, lá na Solidão.
E o capitão Joca do Pará,

O primeiro Sherlock que a cidade conheceu.
Novenário na Festa da Apresentação,
Exacerbando a emulação das bandas de música,
Do Exército e da Polícia.
E acabou-se, também, a rivalidade brigante
Entre Xarias e Canguleiros.

Não te esquecerei, Natal!
O teu carnaval, festa do povo.
A “Divisão Branca” do Baroncio Guerra,
Esnobando na sociedade
E o “Pinto Pelado” esbaldando-se nas ruas.
E a namorada que arranjei,
Em um Sábado de carnaval,
E que é hoje minha mulher.
Os velhos bondes,
Substituídos pelo ônibus, que já estão velhos.
Genar e Bulhões,
Os que primeiro falaram em microfone.
Carlos Lamas fundando a Rádio Educadora.
O Tiro de Guerra 18 e o Brigada Chicó.
Luís Toró, com um braço só,
Campeão de bilhar.
E Ângelo Pessoa e João Ferreira, dançando tango.
Tuas regatas marcaram época,
Antes do apogeu do futebol.

Não te esquecerei, Natal!

Encontro os teus pescadores no Ano do Centenário,
Com a mesma audácia dos irmãos polinésios,
Numa jangada de velas esfarrapadas,
Levando a mensagem do Potengi à Baía da Guanabara.
Alberto Maranhão, governador e Mecenaz,
Época dos maestros italianos:
Nicolino, Russel, Mariscano, Babini.
Tempos de perfume Pirioca,
Doces Similares e cigarros Vigilantes.
Água de côco com aguardente,
Era e continua sendo o melhor Wisky nacional.
E o menestrel escravo Fabião das Queimadas,
Que libertou a si e a própria mãe,
Ganhando dinheiro, cantando e tocando rebeca.
Dos teus juristas notáveis,
De Amaro Cavalcanti a Seabra Fagundes.
Dr. José Augusto que envelheceu no tempo
E continuou jovem com o soro da eterna juventude.

Não te esquecerei, Natal!
A revolução liberal de 1930
Meu batismo nas lutas sociais.
Fanfarras agitando, agitando,
Muitos discursos, poucos tiros.
Guimarães na Prefeitura.
Café e Silvino Bezerra disputando a interventoria,
Que ficou com Irineu Jofilly,
Misturando cachaça com austeridade

Autêntico precursor de Jânio Quadros –
A quixotesca espada de Varela, à frente da milícia,
Vai em 1932, enfrentar a rebeldia cívica dos paulistas,
Desfilando desembainhada pela ruas.
A voz de fogo do teus tribunos,
Ontem contra o colonialismo,
Hoje frente ao imperialismo.

DOCUMENTO

Termo de declaração que presta o indiciado Djalma Maranhão

Obtido junto ao Superior Tribunal Militar pela professora Maria Conceição Pinto de Góes, por ocasião da elaboração da tese de Doutorado “Cristãos e Comunistas na Construção da Utopia – a Aposta de Luiz Ignácio Maranhão Filho”, apresentada à UFRJ, em 1997.



www.dhnet.org.br